

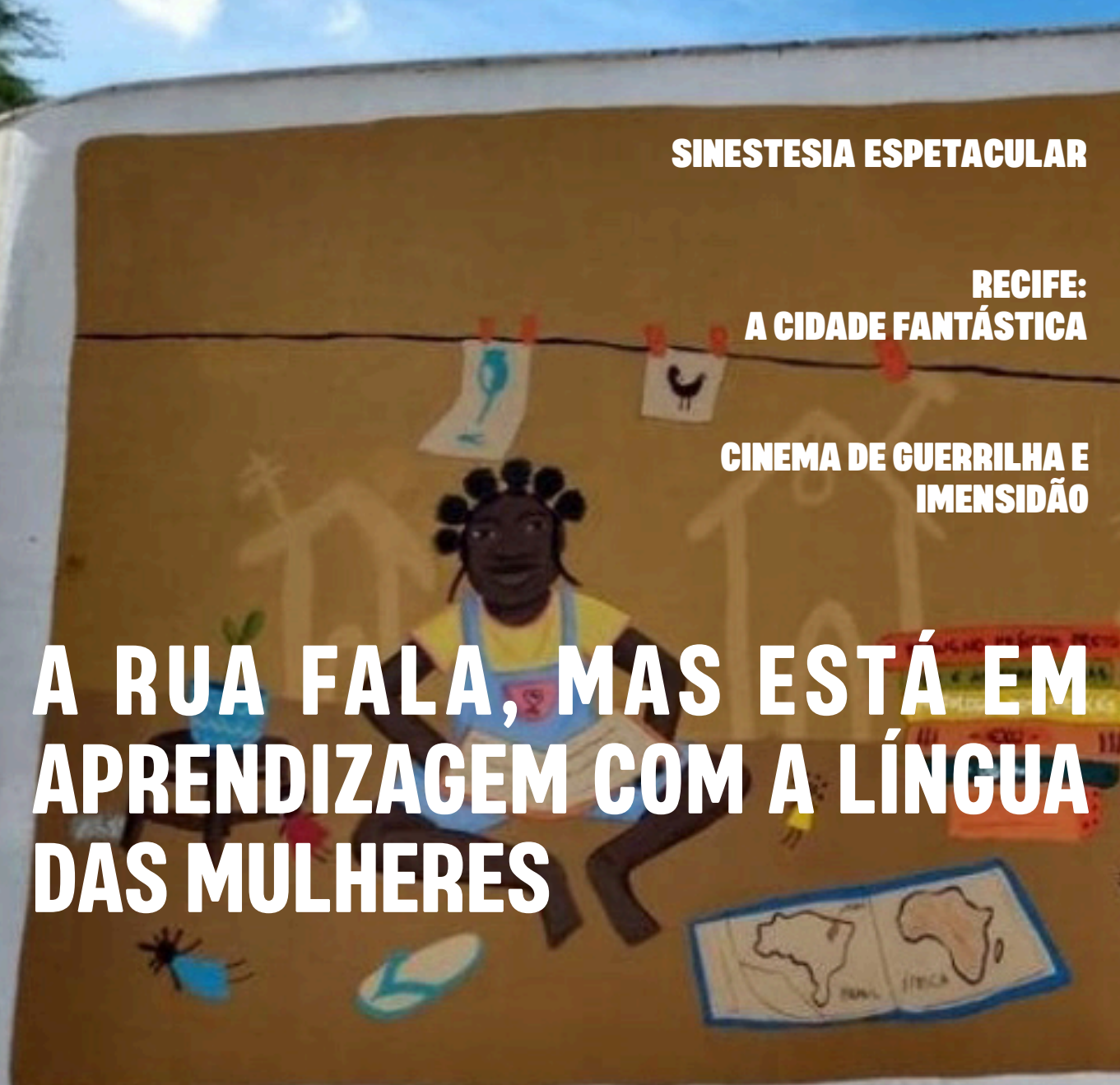
REVISTA
Oxente!
MAIO DE 2022 | EDIÇÃO 06

SINESTESIA ESPETACULAR

**RECIFE:
A CIDADE FANTÁSTICA**

**CINEMA DE GUERRILHA E
IMENSIDÃO**

**A RUA FALA, MAS ESTÁ EM
APRENDIZAGEM COM A LÍNGUA
DAS MULHERES**



Índice

Expediente	02
Editorial	03
A BANDA DE ROCK ANTIDEPRESSIVA DOS ANOS 80/ 90 EM TERESINA	04
DO SÉCULO 17 AO 21: UM POUCO DA HISTÓRIA DO MUSEU DE ARTE SACRA EM TERESINA	08
UM ESPETÁCULO DE ESCOLA	13
SINESTESIA ESPETACULAR	19
STOURADAS: LIBERDADE E SUBVERSÃO	24
OITENTA MILIGRAMAS DE CAFÉINA E WI-FI GRATUITO	29
RECIFE: A CIDADE FANTÁSTICA	36
ARTE: UMA MANEIRA ÚNICA DE VER O MUNDO	42
A VIDA DE NONATO OLIVEIRA: UM RETRATO DA ARTE	46
SÃO JOÃO, SÃO JOÃO! ACENDE A FOGUEIRA NO MEU CORAÇÃO	51
MEMÓRIAS QUE CONSTROEM A HISTÓRIA	54
NA VIDA E NA VIOLA	58
CINEMA DE GUERRILHA E IMENSIDÃO	64
BALANDÊ/BAIÃO: A RAIZ	70
A RUA FALA, MAS ESTÁ EM APRENDIZAGEM COM A LÍNGUA DAS MULHERES	76
GINGA DE ANGOLA	88
FILHAS DA UMBANDA	96
TIMON JUNINO: O RETORNO	103
O SABOR DA CULTURA PIAUIENSE	106

Expediente

Reportagem

Ádria Viana

Alysson Araújo

Ana Kálita Vale

Ana Luiza Monteiro

Ana Carolina Dias

Bernardo Pereira

Bruno Chaves

Gabriela Varanda

Geovana Sousa

Glayson Costa

Iamercia Rocha

Ilanna Serena

Jacirio Porto

Jéssica Carvalho

Jeyson Moraes

João Gabriel Sousa

Karine Rocha

Lara Matos

Luna Santana

Luzia Stefany Alves

Maria Luisa Costa

Maria Teresa

Mariana Costa

Millena Brito

Nathalia Carvalho

Nayara Melo

Ramila Gomes

Rodrigo Alves

Ronney Oliveira

Sane Araújo

Samanta Leão

Tcheska Valentim

Thiago Santos

Wallace Costa

Yury Pontes

Diagramação e Edição

Yury Pontes

Editora Chefe

Ana Regina Rêgo

Ilustração de Capa:

Reprodução /Arquivo Pessoal

EDITORIAL

No último dia de aula completamente online, um querido aluno nos lembrou que começamos a Revista Oxente como projeto para a disciplina Jornalismo Especializado II no primeiro semestre de 2020, quando tivemos somente uma semana de aula presencial e logo entramos em lockdown, por conta da pandemia da Covid-19.

A ideia sempre foi fazer do espaço da disciplina uma grande oficina de jornalismo literário, mas o isolamento nos impôs parar o projeto até que alguns meses depois retomamos o período em formato online e recomeçamos a Revista Oxente, como pensamos, ou seja, com temática cultural e em estilo literário.

Os desafios iniciais foram imensos, tivemos que assinar revistas online, contratar aplicativos e canais de streaming para facilitar o acesso do jornalismo literário aos nossos alunos, além de transpor os exercícios pensados inicialmente para o modo presencial, para a sala virtual, mas começamos bem e a cada período online, lançamos duas edições da Revista Oxente.

Os exercícios de ir e vir na prática de desconstrução de um jornalismo projetado para uma modernidade que lhe impôs um texto asséptico e impessoal, foram aos poucos sendo substituídos pela inserção do profissional no texto, pela abertura para as falas diretas dos personagens, pela descrição cuidadosa dos espaços e dos cenários, pelo contato olho no olho dos entrevistados, pela atenção aos pontos centrais e periféricos do tema.

Nada fácil para quem como nós, jornalistas, foi acostumado a pensar em caixinhas/editorias onde depositamos o cenário social recortado, como um modo mimético de tradução do mundo. Na Revista Oxente, o exercício do olhar e do narrar nos leva para outro caminho, a trilha do vivenciar a experiência narrada, do transpor pela imaginação o tempo do narrador, onde as configurações e refigurações da narrativa terminam por se encontrar ou se distanciar no círculo de interpretação que envolve os personagens entrevistados, os jornalistas narradores e o público leitor a cada imersão nas páginas da Oxente.

Neste último período online, tivemos o prazer de contar com uma grande e comprometida turma que fez com que a revista que possuía em média um número de páginas entre 50 e 60 páginas, ultrapassasse as 110 páginas, chegando a 19 matérias na edição de número 06.

Nesta edição, o leitor pode viajar pelos aromas do café, isso mesmo viajar, porque lê sobre o café nos faz acessar memórias recentes e remotas e lembrar de momentos únicos vivenciados, ou, o leitor pode ganhar as ruas de Recife, voltar ao passado com as bandas de rock de Teresina, correr para as quadrilhas de São João, jogar um pouco de capoeira, conhecer as filhas da Umbanda ou as artistas do grafite, viajar ao passado pelo Museu de Arte Sacra, dentre outras grandes reportagens que a nossa turma de futuros jornalistas nos apresentou neste maio de 2022, quando concluímos finalmente o ano de 2021 e seu segundo período.

Não é uma revista para ler de uma única vez, mas é uma revista para se deliciar ao longo de um mês ou mais. Escolha a matéria do dia e curta! ▲

Oxente!

Foto: Antônio de Pádua dos Santos

INDEPENDÊNCIA

e Rock



A BANDA DE ROCK ANTIDEPRESSIVA DOS ANOS 80/90 EM TERESINA

Jacirio Porto
e
Bernardo Pereira

O ano de 1990 foi marcado pelo lançamento da Banda de Rock “Antidepressiva” um grande marco para o cenário musical de Teresina que naquela época no Brasil havia surgido algumas bandas de rock nacionais como: Barão Vermelho, Os Paralamas do Sucesso, Capital Inicial, Blitz, Engenheiros do Hawaii e entre outras bandas de Rock nacional.

Os anos 90 na cidade de Teresina vivia uma forte efervescência cultural na música, e com o passar dos tempos foi aparecendo a formação de várias bandas de rock locais espalhadas por toda a cidade de Teresina, e sendo um elo de inspiração para as bandas gravarem seus discos. E mesmo diante de todas as dificuldades encontradas e relatadas pelas bandas de rock para se gravar um disco na época, as bandas de rock nunca desistiram de seus sonhos e foram buscando parcerias com outras bandas de rock locais e surgindo as bandas: Fator Rh, Cura Moder-

na, Prós e Contras, Citoplasma e suas mitocôndrias Malucas e os Indefectíveis.

Segundo o ex-integrante da Banda de Rock “Antidepressiva”, o Advogado António de Pádua dos Santos, relatou dizendo que naquela época ele era apenas um simples estudante do curso de Matemática pela Universidade Federal do Piauí, pois a Banda de Rock Antidepressiva era formada por Sâmia na bateria, Pádua no baixo e Marcos no vocal. Embora todos queriam mostrar um som legal que agradasse aqueles que gostavam e apreciavam as músicas da Banda de Rock Antidepressiva, lembrou Antônio de Pádua.

Ele relatou também que a música foi um momento feliz em sua vida e estando presente na mente de todos de uma época em que todas as bandas de rock locais estavam em evidência por toda a cidade de Teresina. E por conta da forte ascensão das bandas, conseguimos tocar diversas vezes na antiga

“Brilhos Danceteria”, na avenida Barão de Castelo Branco, zona sul da capital Piauiense, em que era um local ou point de encontro de jovens e adolescentes que queriam dançar e curtir uma noite agradável por uma banda de rock local de sua preferência na cidade. Nessa mesma época participamos também, do encontro de Bandas de Rock Nacionais um evento realizado no Ginásio de Esporte o “Verdão” em Teresina. Durante todas as apresentações da banda de Rock Antidepres-

siva percorremos por várias cidades piauienses. Em Parnaíba a banda se apresentou no Clube do Sesc em Parnaíba.

Antônio de Pádua, argumentou dizendo que esse show foi o mais concorrido e promissor na carreira da banda de Rock Antidepressiva, e do qual tivemos também o privilégio de uma participação na Quinta Cultural do DCE (Diretório Central dos Estudantes) pela Universidade Federal do Piauí em Teresina.

Os shows da Banda de Rock “Antidepressiva” eram realizados a partir das nove horas da noite, e sempre lotados de estudantes prestigiando o evento das bandas de rock. Mas que certo momento na minha vida, meu pai me chamou para conversar, me deu alguns conselhos dizendo que eu precisava estudar para garantir um futuro melhor na vida, e para eu conseguir uma boa instabilidade financeira na vida, pois, ele queria muito me ver formado e realizado....recordou



Foto: Antônio de Pádua dos Santos

ROCK

Antônio de Pádua com forte emoção os mínimos detalhes ditos por seu pai, e seguiu então seus estudos e se formando fora de Teresina.

Em 1993 a Banda de Rock “Antidepressiva” chegou ao fim, e todos os compo-

nentes da banda tiveram que seguir outros caminhos diferentes na vida, e ficando apenas às boas lembranças da banda pelos momentos inesquecíveis vivenciados por todos nos anos 90 na cidade de Teresina. ▲

Foto: Antônio de Pádua dos Santos



DO SÉCULO 17 AO 21: UM POUCO DA HISTÓRIA DO MUSEU DE ARTE SACRA EM TERESINA

Ana Luiza Monteiro
e
Mariana Costa



O prédio histórico fica na rua Olavo Bilac, no cruzamento com a 24 de Janeiro, no centro da cidade. No passado, a construção servia para situar o limite do quadrilátero no projeto original de urbanização idealizado pelo Conselheiro Saraiva na nova capital do Piauí. Hoje, a casa que já foi residência abriga o Museu de Arte Sacra de Teresina Dom Paulo Libório.

O acervo sacro é datado do século 17 até o século 21. São acervos que vieram de particulares do bispo, do professor Paulo Libório e da arquidiocese de Teresina. Agora, o museu também está começando a receber algumas doações de familiares que estão deixando no local parte do imaginário vivido e também livros, acervos bibliográficos. O museu é bem eclético, o que é importante para contar um pouco da história de Teresina através do sacro.

Erguido em estilo versátil, os traços da arquitetura colonial brasileira estão preservados nas paredes, portas e janelas. Tombado pelo patrimônio histórico, o local abriga mais de 200 peças que recontam a trajetória da fé católica do século 17 ao 21. Nos pequenos detalhes, utensílios pessoais de bispos, padres,



além de uma importante biblioteca com mais de 2 mil exemplares.

Caminhar por esses corredores é uma viagem no tempo, uma oportunidade para o visitante conhecer mais de perto a história em

seus detalhes. Numa determinada sala, podemos conferir de perto algumas das mais antigas peças do acervo. Como é o caso de uma imagem em madeira datada do século 17.

O museu, prestes a completar 10 anos,

integra o circuito cultural de Teresina. Mas, em 1 década, poucas pessoas tiveram a oportunidade de conhecer a riqueza dessa pequena joia.

De acordo com Carlenia Costa, mediadora do museu, as atividades realizadas

por lá são de extrema importância para a preservação do acervo têxtil e da memória da cidade. Além disso, o museu é um instrumento de difusão do conhecimento possibilitando a pesquisa e desenvolvimento prático acadêmico.

HISTÓRIA

“O papel do museu não é só a guarda desse acervo que está aqui. Ele tem um propósito. É para que a sociedade em geral possa vir e reconhecer isso, conhecer um pouco da história, a arte, conhecer um pouco da arquitetura nossa desde o começo da cidade. Então, a nossa luta

é para que ele se torne conhecido e que as pessoas possam vir. Estamos aqui abertos e que as pessoas possam ter o privilégio de conhecer esse local e as riquezas que se encontram nele.”

A casa propõe ao visitante uma história sobre



Foto: Arquivo pessoal Último C...

suas várias passagens históricas além de possuírem turmas de cursos de bordado e libras, onde é aberto espaço para população em geral a partir da Fundação Wall Ferraz que fornece ferramentas e materiais necessários para que todo o ensinamento seja repassado.

Foi em um desses cursos que a Amanda aprendeu a bordar. Ela conta que esse desejo veio através da avó, Luiza, que com muito zelo e carinho sempre bordava para a família.

“Eu sempre tive interesse em aprender a bordar e apesar de não sentir tanto incentivo por parte de amigos, resolvi pesquisar e ir atrás. Minha vó, bordava pelo cuidado com a família, eu bordo pelo cuidado comigo mesma. Pela minha distração, interação com outras pessoas e a beleza do servir, do embelezar.”

O museu de Arte Sacra funciona de segunda a sexta em dois horários: das 9h às 12h e de 13h às 17h. Aos sábados apenas pela manhã das 9h às 12h. A entrada é gratuita. ▲





UM ESPETÁCULO DE ESCOLA

**Alysson Araújo
e
Tcheska Valentim**

O caminhar em um trecho da Rua Jonatas Batista, é mergulhar em um passado de lutas que encontraram um espaço para ampliar suas raízes repletas de referências simbólicas entrelaçadas à educação, cultura e esporte, renovando a cada dia o seu espírito de construção de uma memória local atravessada pelo seu valor histórico, político e artístico. Sem menosprezar a importância de cada um desses espaços e buscando reforçar a relação entre patrimônio e cultura, baseado no cenário teatral, temos a Escola Técnica Estadual de Teatro Professor José Gomes Campos, consolidada pelo seu diferencial na formação de artistas e profis-



sionais da cultura, com cursos técnicos na modalidade de Educação Técnica de Nível Médio Subsequente em : Teatro, Dança, Instrumento Musical (Violão) e Canto.

Tudo começou em 1986. A ideia de uma escola de teatro no Piauí, surgiu posteriormente ao fechamento da habilitação em Artes Cênicas do curso de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí. Cabisbaixo, Aci Campelo relembra com tristeza que desde então nunca mais foi aberto essa habilitação novamente. “Naquele ano eu era Presidente da Federação de Teatro Amador do Piauí, uma entidade que gozava de grande respeito no

meio cultural e nos órgãos estaduais de cultura. Então, minha luta começou exatamente naquele período não só pela reativação da Habilitação em Artes Cênicas da UFPI como também pela criação de uma escola de teatro. A luta se dava em todas as arenas possíveis: seminários, fóruns, congressos, debates, festivais e mostras de teatro.”, desabafando que era uma luta muito solitária sem muito apoio da classe artística, mas desistir não era uma opção para aquele que ensinava dramaturgia.

Os alunos que fizeram parte daquele mundo mágico do teatro, no início da manifestação cultural da Escola, garantem que foi a



Foto: Reprodução/Ilustração Milton Paiva

melhor parte de suas vidas. Até mesmo aqueles que sequer queriam entrar, mas por predestinação adentram o centro, sentem uma nostalgia ao rememorar todo aquele universo. Chico Borges, ex-aluno e hoje diretor artístico de diversos espetáculos, se emociona ao lembrar que no seu tempo de aprendiz, não havia ao menos salas estruturadas.

Singela, pouco conhecida, e sem estrutura, porém, cheia

de potencial para se destacar como um dos maiores centros artísticos do Piauí. Todos seus integrantes se faziam atuantes para que aquele lugar viesse a tornar-se um local respeitado. Talvez, pensassem que ali seria sua segunda casa. No São João, não faltava as quadrilhas, bandeirolas, e balões. No dia do Teatro, este se fazia homenageado, mas o evento mais esperado era o “Café e Teatro”. Realizado todo final do mês, no grande pátio central da esco-

la, o espetáculo reunia toda a escola e convidados para a apresentação de suas produções. Contava apenas com 3 salas, onde os alunos revezavam para demonstrarem seus talentos e aptidões. A sala do diretor, muitas vezes, era cedida para ser realizada reuniões.

A história da Escola, se confunde com a história de cada aluno. Às vezes sem apoio familiar, sem apoio financeiro, os alunos se esfor-



çaram desde cedo para irem atrás do sonho de viver de sua arte. Uns com sua bicicleta, outros no coletivo, mas todos que passam pela Escola de Teatro Gomes Campos, arranjam sempre uma maneira de não deixarem a sua segunda casa de mão. Do cuidado de cada dia, se fez um grande vínculo hoje. E não tinha hora ruim para estar lá. Poderia ser cedo, tarde ou ao cair da noite, os alunos genuinamente estavam lá porque gostavam.

Dando valor e respeito à arte que eles mesmo produziam.

Os espetáculos culturais causavam entusiasmos e surpresas. Nenhuma turma sabia o que as outras estavam planejando. Era um mistério e tinha seus segredos. Mas, ao chegar o dia das apresentações, toda a escola se reunia para validar e festejar o sucesso do seu colega. Dança, música, poema e teatro, seja qual fosse a arte, todos faziam seu melhor, mesmo as limitações

que passavam. Com o sorriso no rosto e a arte no coração. Talvez seja isso a alma de escolher a arte, a sensação de resistir a todos os obstáculos.

Onde antes não tinha espaço para realizar as aulas, e eram improvisados lugares mais inusitados, como a sombra de árvore, hoje as salas aumentaram. No entanto, os alunos também. E esse aumento foi tamanho que resultou em grande demanda de estrutura, pois a salas sempre

TEATRO

estão ocupadas e cheias de artistas prontos a darem luz à sua arte. E, não precisa ser ex-aluno para perceber a necessidade da escola ser mais aberta aos espaços públicos, e estes à escola. É uma troca mútua, onde os dois lados se beneficiariam com o valor da arte.

Dramaturgo contemporâneo teresinense, Aci Campelo foi quem apresentou a escola para a sociedade da capital. Moisés Chaves, gestor do Grupo de Teatro da Universidade Estadual do Piauí, se recorda bem quando o criador do grupo “Raízes de Teatro” fez o convite. Por necessidade de aprimorar o conhecimento de estudos da arte, o jovem Moisés aceita e adentra o mundo imaginário, assim como físico de uma escola teatral. Alu-

no da primeira turma formada pela escola, ele ressalta a generosidade e disposição dos professores para fazerem do local um exemplo a ser seguido. Os mestres não deixavam que sequer um aluno ficasse sem aparo, uma lição baseada na moral da parábola do pastor e suas cem ovelhas. Tais ovelhas, destaca ele, já eram atores e atrizes da cidade, os quais realizavam trabalhos no ramo, mas que não tinham formação técnica e acadêmica.

Com a voz embargada, e olhos marejados, Chaves sente tristeza ao frisar que o Piauí é, ainda, um dos poucos estados a não possuir uma graduação superior em artes cênicas. Mas, enchendo o peito, ele afirma que luta com seus pares, na tentativa de implementar



esse curso no estado.

Como ele, outra aluna antiga da escola destaca um evento inspirador. Gislene Torres rememora com vivacidade e inspiração o Lip Sync, momento no qual os estudantes se travestiam com detalhes os seus ídolos e os representavam em espetáculos. Ao sair da escola, a vontade de permanecer entrelaçada ao elo do local foi tamanha que formou, juntamente com um professor, o Núcleo de Estudos Dramáticos. Assim, a raiz de ser eterna aprendiz da arte se finca no solo. Para ela, a casa de tantos artistas representa ao Piauí o viés formativo, o pensar e a transmissão do saber, a qual possibilita a compreensão de quem verdadeiramente é. De forma sensível pôde-se perceber que você não escolhe a arte, você é escolhida por ela.

Conviver com os colegas, o aprendizado, a troca de energia, a qualidade dos professores, de ideias e de execuções, foram as melhores partes daquele momento áureo da Escola, garante seus integrantes. E, mesmo deixando a escola, com a conclusão do ciclo, nada se perde. Ela sempre fica guardada no imaginário coletivo destes que ajudaram a construí-la com muita dedicação, foco e amor. Além disso, a permanência dela até os dias de hoje, representa um passo grande na escalada da vitória artística regional. Porém, é necessário que se desenvolvessem avanços, para que essa grande manifestação cultural deixe de ser o “patinho feio do teatro brasileiro” e venha a se tornar o cisne fulguroso do ramo. O ponto de partida para essa transformação é a

efetivação da graduação em artes cênicas, a qual está em subtração no Piauí. ▲

SINESTESIA ESPETACULAR

**Samanta Leão
e
Maria Luisa Costa**

A explosão de sensações ao presenciar o encontro de ídolo e fã



Festival Lolapalooza

O arrepio na espinha causado por uma emoção forte, os olhos marejados por não acreditar no que está diante à sua frente e a cabeça a mil, viajando por infinitas possibilidades de sonhos concretos e ainda irrealizados. Talvez descreva o começo de uma relação entre fã e ídolo, mas no festival da vida o som mais alto não é da música e sim do coração.

A excitação intensa que toma conta de uma multidão alvoroçada ao ver seu artista preferido ao vivo e a cores. O frio na barriga por não saber o que vai acontecer, a palpitação ao escutar os primeiros acordes de uma música apreciada. Nervosismo e suor, em outras situações poderiam estar relacionadas a uma crise de ansiedade, mas nesse caso em particular é totalmente o contrário. Já que a língua

portuguesa, tão magnífica e complexa, nos permite dar nome aos bois, essa sensação de entusiasmo intenso é apresentada pelo nome de frisson.

Não precisa ser fã para sentir um frisson, afinal é possível sentir em outras situações, mas o impacto causado por algo ou alguém que é admirado de graça, na maior boa vontade e genuinamente é digno de muito respeito e

FESTIVAL

valorização. A cada esforço feito para conseguir um álbum, um ingresso e produtos vendidos, se torna um ato que impulsiona o artista ou banda a continuar em frente porque sabe que existe ali alguém para apoiar sua arte.

Em tempos atuais, ter acesso ao conteúdo oferecido pelo artista ou banda contemplada, sem sair de casa, se tornou muito mais fácil e prático. Mesmo assim as loucuras realizadas por fãs não desapareceram e de uma coisa é certa: o amor de um fã pode levar a montanha à Maomé.

O produtor de eventos, Renan Costa, que sempre esteve em contato frequente com a badalação e festividades, ao saber que pode servir de ponte para outras pessoas conseguirem ter a oportunidade de experimentar momentos inimagináveis, porque já passou muito tempo do outro lado: sendo um fã esperando ansiosamente por uma chance de poder ver quem admira de perto, sente que pode ajudar a tornar sonhos em realidade.

Renan, comenta com brilho nos olhos, a influência que a relação dele com seus ídolos teve em sua trajetória. “Com os shows, eu pude conhecer vários artistas que eu sou muito ligado mesmo, alguns, até virei amigo pessoal, o que para mim é uma viagem. Isso, me fez valorizar o que o meu público alvo quer de verdade, além de saber que aquele artista que tem envolvimento com o seu público lota a casa, porque as pessoas vão não só porque o som do cara é massa, mas também porque rola a identificação” relata.

Renan, que passou por dificuldades na pandemia, tanto por a música estar na sua profissão e ser sua maior ferramenta de trabalho, como por ser sua paixão. Para ele, que sente uma conexão recíproca, repleto de significados em cada evento que proporciona, unir em um ambiente um ídolo e um fã deixa em evidência uma nova sensação que energiza e revigora. Para muitos, um encontro desses acontecer não seria possível se não através de sonhos,

mas ao viver presencialmente essa situação e ser tomado por um completo estado de frenesi, o sonho enche a noite e extravasa para o dia. Alguns segundos de felicidade intensa, podem definir o melhor momento da sua vida.

E no outro lado da ponte, há uma parcela dessa energia onde estão os artistas que fascinam. Yngla Hillary é cantora e compositora da banda Florais da Terra Quente, que possui mais de 28 mil ouvintes mensais em todas as plataformas que são disponibilizadas na internet. A artista que é muito querida e estimada por seus fãs, fica surpresa com um público fiel e cativo em cada show.

“Nossa é algo simplesmente incrível! Um dos melhores sentimentos pra mim até agora foi perceber que nós temos um público fiel aqui em Teresina, uma galera que vai em todos os nossos shows, mandam mensagens elogiando as músicas, pedem pra tirar foto com a gente, parece um sonho na verdade. Te-

mos também um público significativo fora de Teresina, mas confesso que esse sentimento de possuir um público local é lindo demais e eles sabem cantar todas as músicas, palavra por palavra. Apesar de ser meio complicado seguir por

esse ramo da música em qualquer região, são essas pequenas coisinhas que dão uma força pra gente, um empurrão, é lindo demais!”

A própria vocalista tem seus ídolos. Desde muito

cedo ela tem admiração por música e lembra que ganhou seu primeiro violão quando tinha por volta de 10 anos. Yngla aprendeu a tocar em tutoriais na internet e percebeu seu dom para música. Foi como se ela soubesse que a arte faria parte da sua vida de alguma



Foto: Arquivo pessoal

Yngla e Florais da Terra Quente no festival Miota em Teresina

forma e quis manter por perto.

Nos palcos, ela conta a troca de energia feita com o público e a recompensa: poder fazer o que ama e sentir esse amor do seu público.

“Chegou um momento que o nervosismo nem sequer existe mais, por você se sentir confortável ali com a galera que tá te assistindo, aplaudindo, cantando, torcendo por você. Um dos nossos últimos shows foi o do miota festival e foi um dos melhores de todos, a galera pertinho da gente, pedindo mais músicas mesmo quando já tinha acabado o nosso tempo. Eu não poderia me sentir mais acolhida que isso”, relata a cantora.

A pedagoga Lara Araújo, fã do Florais, conta como a música da banda traz um sentimento de identificação.

“Acho que tudo deles me cativa, as letras, a melodia, eu amo bandas que tocam essas músicas mais melancólicas e sentimentais, e

que conseguem com sua música fazer você sentir que é pra ti, que se encaixa perfeitamente em momentos que a gente guarda pra vida toda”, comenta.

Para Lara, não é só a admiração, mas a troca que a banda proporciona com seu público. Ela conta que já foi em 4 shows da banda.

“E graças ao meu bom Deus, consegui criar uma amizade legal com o pessoal da banda, são muito receptivos e carismáticos com os fãs, então sempre que tem show, eu vou e sempre nos falamos, eles sabem o quanto admiro eles”, finaliza.

Ser fã é admirar cada trabalho feito por seu ídolo, amar sua arte, apoiar ou repreender declarações polêmicas, acreditar no talento e acompanhar a trajetória, mesmo que de longe e conectados por um mundo vasto como a internet. Não medir esforços para conseguir ver seu herói, rodar o mundo para demonstrar suporte ou até mesmo contribuir de casa, onli-

ne, consumindo o material produzido, assistindo seus shows, filmes, novelas, participações e qualquer obra compartilhada com o mundo. Ser ídolo é saber que mesmo representando para alguém um ser fantástico, divino, desprovido de falhas, somos todos seres humanos com qualidades e defeitos, passíveis de erros e com vontade de melhorar.

Durante a pandemia de Covid-19, muito se pensou que a proibição de shows e eventos poderia distanciar o fã de seu ídolo, mas aconteceu justamente o contrário. A benção da internet pode proporcionar um ambiente proveitoso para reconectar pessoas e diminuir distâncias. As lives rodaram o mundo, e os artistas chegaram até lugares que nunca tinham ido antes. A reciprocidade do ídolo em demonstrar todo o carinho e admiração dos fãs, mostrou que é possível fazer pontes para todos os lugares do mundo. Nessa viagem o combustível é o amor, e o veículo é a força de vontade, porque juntas podem derrubar muralhas que só a determinação de um sonho pode realizar. ▲



STOURADAS: LIBERDADE E SUBVERSÃO

Sane Araújo
e
Wallace Costa



A representatividade LGBTQIA+ vem ganhando cada vez mais espaço no cotidiano da cidade de Teresina, os movimentos que lutam pelos direitos desse público são os grandes responsáveis pelo avanço, que ainda não é o suficiente, mas que tem possibilitado cada dia mais a diversidade de espaços ocupados por esse público.

A criação desses espaços, que não abrangem apenas os mesmos, como também abre portas para uma integração social independente de orientação sexual, gênero, raça ou cor, tem a grande parcela de mérito em todo e qualquer avanço nessa luta. Os movimentos de apoio a essas causas se mostram cada vez mais importantes, por darem voz e força nessa luta diária. Aqui falaremos sobre um movimento que vem ganhando cada vez mais voz em Teresina, o movimento Stouradas que agita a cena urbana teresinense desde o ano de 2017. O Stouradas é um coletivo que sempre visou ocupar os espaços por onde passava, celebrando a diversidade LGBTQIA+, o projeto foi idealizado pelo publicitário e produtor cultural Richard Henrique.

O nome “Stouradas” era inicialmente o nome de um perfil na Internet, criado por Richard, para publicar algumas fotos que fazia.

“Quando eu ainda estava na faculdade, tive a ideia de reaproveitar câmeras fotográficas que não eram mais usadas, comecei a tirar fotos das pessoas que eu conhecia e postar em uma página no Instagram e isso se estendeu para os eventos que eu frequentava, ia para as festas e tirava fotos das pessoas para postar na página no dia posterior ao evento. O nome da página era “Stouradas” e veio exatamente pelo fato das fotos saírem estouradas por conta do flash” comentou o publicitário.

Com um tempo, o perfil passou a ser bastante procurado, afinal, todos queriam conferir os clicks cheios de conceitos que eram feitos nos eventos. Isso levou Richard a ser convidado a fazer as coberturas oficiais de eventos. Nasce então a marca “Stouradas”.

Em certa ocasião, Richard que já trabalhava com a produção de eventos recebeu a

dica de fazer um evento com o nome da página. “Já que já havia se criado uma cultura cibernética stouradas, decidimos criar a festa com o nome do perfil e foi um sucesso. E então fomos produzindo os espaços culturais do stouradas de 3 em 3 meses”. Relatou Richard.

Os primeiros eventos tinham a cara de festa, mas sempre foi algo maior que aquilo, o Stouradas se tornou uma cultura, uma forma de viver. Um espaço inclusivo, que sempre visou abrir portas para outras pessoas. O movimento então passa a circular pela cidade, dar potência criativa e imaginativa para locais subutilizados, praças e parques públicos no centro histórico de Teresina. Realizando eventos que davam liberdade e voz ao público que iria frequentar esses espaços.

O coletivo já realizou diversos eventos em diferentes locais da cidade nesse tempo de existência. As edições do evento geralmente contavam com palco, galeria, feira de microempreendedores e bar.

O palco do Stouradas sempre visou dar visibilidade a artistas locais. Entre as apresentações, performances de drag queens das mais populares as menos conhecidas, oferecendo assim oportunidade de crescimento e reconhecimento do público, contava também com artistas plásticos com suas obras e até feirinhas com produtos artesanais.

Em fevereiro do ano de 2020, o stouradas fez história ao realizar o 1º carnaval de rua LGBTQIA+ do Piauí, a conhecida praça do liceu se encheu de representatividade, consigo eu mesmo lembrar da sensação de estar naquele local, os sorrisos de felicidade do público misturado com a purpurina nos olhos, se juntavam com a sensação de liberdade em simplesmente ser quem você é sem sentir medo e insegurança que outrora sentiria em um bloco de rua tradicional.

A edição contou com o apoio do poder público municipal, o bloco contagiou não só a praça como também era possível sentir a alegria de

quem passava pelos arredores do local. Na edição estiveram presentes cerca de três mil foliões.

E nesse ritmo, a galera do movimento Stouradas seguiu ocupando espaços para ressignificar a cidade em busca de sintonizar energias da alegria, da transformação e da existência questionada dos corpos LGBTQIA+ piauienses.

Nos dias atuais, mais uma vez o movimento stouradas emplaca um novo capítulo importante na sua história e na vida dos teresinenses, recentemente o movimento conseguiu um espaço físico fixo no centro da cidade, (nas outras edições do stouradas os eventos aconteciam em vários outros pontos espalhados pela cidade e não em um só lugar).

A equipe conseguiu aprovação através de um edital da prefeitura municipal de Teresina, para ajuda no custeio e realização de um festival e mais uma vez o Stouradas acertou, o festival foi um sucesso. Após o festival, a equi-

pe decidiu investir na sede física e seguir custeando de forma totalmente independente o local.

O centro multicultural Stouradas fica em um trecho da famosa Lisandro Nogueira, uma rua muito antiga no centro da cidade que já acumula diversas histórias de vida e que tende a ampliar mais ainda esse leque de boas memórias, com a chegada do Stouradas.

Em meio a tantas vivências, o fotógrafo Dayvison Lima fala sobre a sensação que sentiu ao ir pela primeira vez de um evento do Stouradas “O primeiro evento que eu participei, foi o evento “criança viada” e para mim foi como conhecer um mundo novo, eu tava muito nervoso por ser o primeiro evento que eu participei, mas a minha experiência foi incrível, eu estava com amigos meus e o Stouradas se tornou um local que me deixa à vontade” relata Davyson, que durante a nossa conversa reafirmou diversas vezes com muito carinho no peito, que o Stouradas para

ele é como um lar, independente do local, se é na rua ou em espaço fixo, o evento se tornou a sua morada.

Dayvison Lima, fotógrafo e frequentador do Stouradas. Foto:Reprodução/Dayvison Lima

O Stouradas é um evento que busca transformar ou ampliar a sua visão de forma amorosa sobre pessoas LGBTQIA+, sobre as possibilidades, Davyson nos fala como acredita que esse movimento mudou o cenário de Teresina “No Stouradas, as pessoas vêem que lá elas podem ser quem elas quiserem, eu acredito que a maioria das pessoas que andam lá, não são normativas e as pessoas que são quando chegam no stouradas sentem um impacto do tipo “aqui eu realmente posso me sentir livre”. Às vezes as pessoas têm vergonha de ser quem são e eu sinto que no Stouradas as pessoas perdem essa vergonha, mesmo que seja momentâneo, para você extravasar ou para você ser um movimen-

to artístico com seu próprio corpo.”

Por muitos anos esse movimento que fez parte da cidade, por muitas praças e ruas, e hoje ocupando um local fixo percebemos como os frequentadores do Stouradas se sentem realizado com as conquistas do evento, sentem que fazem parte desse novo passo.

“Eu me sinto muito feliz, por quê é um sonho que está sendo realizado, o espaço atual é muito bom, a gente sente que está ocupando o centro de Teresina, o que é muito bom para desmistificar o medo que as pessoas têm de andar no centro da cidade, a gente tem que ocupar todos os lugares, eu também sinto como uma questão de representatividade, nós devemos ocupar todo local possível para deixar claro que existimos” afirma Dayvison.

Singularidade poderia ser a palavra ideal para descrever o movimento, quando a gente anda pela cidade, ao

observar as ruas podemos lembrar que ali aconteceu um evento incrível, onde você sentiu que pode ser livre, onde você pode ser qualquer coisa, a gente pôde existir pelas ruas de Teresina, sentir que se faz parte da cidade em que vive, ver outras pessoas como você, curtir um carnaval ou qualquer evento mais livre, sem tanto medo, e de certo modo tirar uma fantasia que se usa diariamente para se poder existir aqui. O Stouradas é um movimento de afeto, de cuidado e de libertação, ele mistura tudo de bom que podemos encontrar e ajuda uma população que por muitas vezes é abandonada, a resistir.

No fim da nossa conversa o Davyson nos reafirma que os moradores de Teresina, principalmente a população LGBTQIA+ precisam entender que o nosso local de ocupação, é aonde a gente quiser.

“Eu acredito que as vezes a gente se limita muito, que por muitas vezes nós

temos medos de ocupar certos espaços por contas das pessoas heterossexuais mesmo, e eu acho que a gente tem que ir se ajudando, que a gente tem que entender que é questão de merecimento, a gente não precisa ter medo, a gente tem que sentir que merece está em qualquer lugar”

E é esse sentimento de luta que fortalece o Stouradas e seus frequentadores, a



Evento Stouradas de Halloween

Foto: Reprodução / Davyson Lima

OITENTA MILIGRAMAS DE CAFEÍNA E *WI-FI* GRATUITO

João Gabriel Sousa
e
Luzia Stefany Alves

Na fronteira entre Brasil e Uruguai, sobre o rio Jaguarão, a Ponte Internacional Barão de Mauá conecta os dois países com certa imponência histórica. Se atravessarmos a ponte à cidade de Rio Branco, do lado uruguaio da conexão, e passarmos por aproximadamente seis horas de viagem terrestre, chegaremos a Montevidéu, capital do Uruguai, onde podemos encontrar um impávido monumento do Visconde de Mauá, contemplando os pedestres. Se estivermos em Jaguarão, na parte brasileira da conexão da ponte, e decidirmos visitar a cidade maravilhosa do Rio de Janeiro, encontraremos mais um monumento no nome do Barão, desta vez na Praça que, não coincidentemente, também carrega seu nome.

Irineu Evangelista de Souza foi um dos homens mais ricos da história das terras tupi-niquins e é considerado um dos pais do capitalismo industrial no Brasil. Sua ascensão aos status de Barão e eventualmente Visconde se devem, no entanto e em grande parte, a um grão alimentício que até hoje é comum em quase todas as casas do país, o café. A vida de Irineu é tão interligada ao café quanto ao ferro, visto que nos dias finais de sua vida, o Barão abandonou seus empreendimentos e se dedicou a viver como corretor de sacas de café.

Apesar das crises e problemáticas que a economia cafeeira enfrentou no país a partir de 1920, o grão do café está tão enraizado na

cultura brasileira que se torna difícil ser um cidadão deste país e não ter o consumo diário da bebida na rotina, ou nunca tê-la experimentado.

Lembro-me como se fosse ontem. Quando a luz do sol abraçava os primeiros minutos da manhã e invadia a casa desta então criança que hoje vos escreve, o cheiro do café subia pelo ar. Era imediato e sagrado.

“Vem tomar café-da-manhã, menino!”, gritava minha vó.

Talvez fosse a vida sendo cômica, mas meu café-da-manhã nem tinha café. Demorei um pouco até experimentar e chegar a ter a prática ocasional do consumo do café, mas desde os anos mais inocentes, via minha vó bebendo religiosamente. O café-da-manhã dela era o café. Ao crescer, fui observando, em paralelo à vida, o poder delicado do grão. Os antigos, os amigos, os amores... Todos bebiam café, em algum momento. Alguns com a mesma fé religiosa de minha avó.

Para muitos, é uma prática que, se perguntada, não saberiam explicar o porquê daquilo.

“Ah, dá energia, né? Tem cafeína. Não dormi muito, mas tenho que trabalhar (ou estudar)”.

Acho que foi a justificativa que mais ouvi. Por trabalho, estudo, ou simplesmente por rotina histórica, o café é tão certo às famílias

COMÉRCIO

brasileiras quanto àquela luz do sol que invadia minha casa todas as manhãs.

Mas não fica por aí. O grão se enraizou de forma evolutiva no Brasil.

Uma das maiores provas do enraizamento do café na cultura do país do futebol é a ressignificação recente do próprio conceito da palavra em uma instituição de origem islâmica, difundida na história da cultura mundial muito principalmente por França,

Inglaterra e Estados Unidos: as coffeehouses, coffee shops ou simplesmente cafés.

Um café é um estabelecimento que vende primariamente variações da bebida homônima: cappuccino, latte, expresso... E, claro, a bebida pura. Alguns também vendem bebidas frias, alcoólicas, sanduíches, doces, frutas... As possibilidades de variações são infindáveis e cabem ao respectivo estabelecimento, não havendo regra prévia do

que se é permitido ou não. Algumas possuem apresentações artísticas em geral (música, poesia, teatro...) e acesso à internet, facilitando a entrada ao universo informacional e aumentando a gama de possíveis entretenimentos oferecidos ao cliente.

Culturalmente falando, cafés (não confundir com cafeterias, que são o equivalente a cantinas ou lanchonetes) são pontos de encontro para interações sociais dos mais

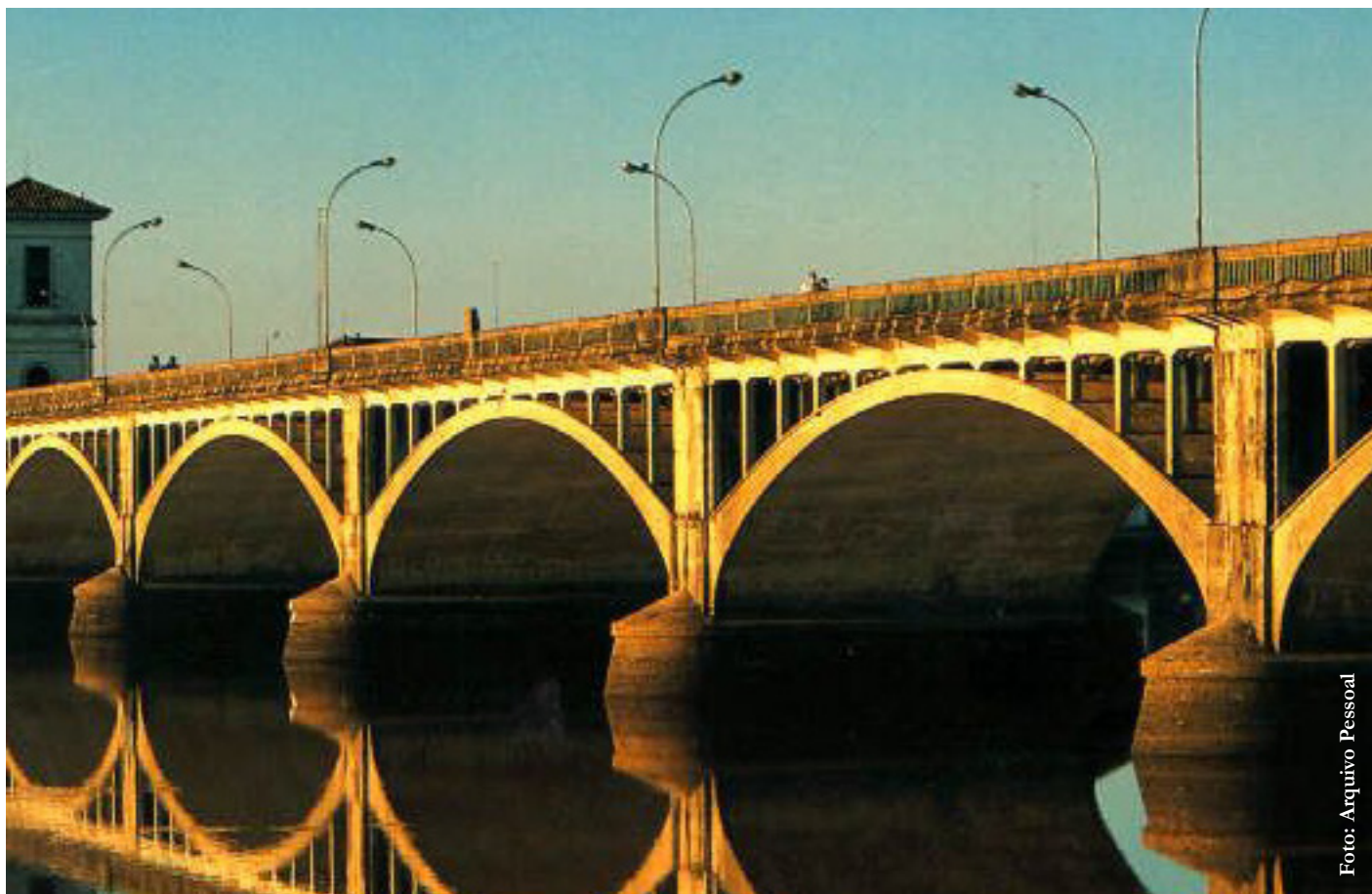


Foto: Arquivo Pessoal



variados níveis: de um encontro romântico a chamadas para revoluções, passando por reuniões de trabalho. O espaço ofertado pelo estabelecimento – nos dias atuais – visa ser uma oscilação tranquila nas turbulências da vida moderna, onde se é permitido sentar, respirar, relaxar, conversar ou apenas observar o presente... E tomar um café.

Mencionados anterior-

mente, Inglaterra, França e EUA tem uma importância significativa na globalização do conceito do café, ainda que de formas bem distintas. Na terra da Rainha, as coffeehouses datam do século XVII e eram pontos focais ideais da proliferação de discussões políticas e empresariais, mais frequentados por indivíduos de classes abastadas. Eventualmente, no período Vitoriano,

a classe trabalhadora chegaria às coffeehouses, que haviam virado uma alternativa ao pub (uma espécie de filho moderno das tavernas medievais).

Na terra da “liberdade, igualdade e fraternidade”, os cafés eram comuns locais à discussão de ideias revolucionárias (vide-se a importância dos mesmos no período da Revolução Francesa) e a pen-

COMÉRCIO

sadores do iluminismo francês. Figuras como Voltaire, Rousseau e Diderot eram clientes frequentes dos cafés.

Os Estados Unidos só começaram a optar pelo café em contrapartida ao chá após desvencilhar-se do domínio britânico com a Guerra Revolucionária. A partir do pós-guerra do

American Way of Life, dos anos 50 em diante, as coffee shops estiveram sempre ligadas aos movimentos culturais da juventude americana, como ou reflexos da cultura pop da época correspondente ou focos da contracultura do momento.



Foto: Arquivo Pessoal

A cidade de Seattle, por exemplo, local vivo em coffee shops da contracultura, acabou por padronizar e modernizar – por ironia ou displicência – o conceito do café aos moldes do que conhecemos hoje em dia com sua nativa Starbucks. É essa cultura difundida dos filhos do Starbucks que aproxima os 9.642 quilômetros entre Seattle e Teresina.

A cidade da cajuína cristalina vive uma epifania de cafés em uma explosão sem precedentes do aparecimento destes estabelecimentos. A cada esquina dobrada, a possível presença de um café não assusta os teresinenses, povo vívido em seu desejo por interação social que abraça o conceito tradicional do espaço de conexão cultural fornecido pelo local. Nos shoppings, nas praças, nos parques, os cafés proliferam-se como um vírus cafeinado e a resposta imediata da população é, aparentemente, positiva. Uma boa doença. Ao menos uma, nos últimos tempos.

E desde bem antes desta epidemia cafeinada, Ramichel Rocha vem colecionando algumas histórias para contar. Em 2016, Ramichel fazia Gastronomia e estava trabalhando como atendente em uma cafeteria. Certo dia, o responsável pelo preparo do café não estava presente. Por acaso do destino, tal dia coincidiu com a presença de Ramichel no estabelecimento.

Temeroso, mas pronto para desafios, tal qual um herói homérico, o então estudante de Gastronomia se aventurou no preparo do café.

“Café é um negócio interessante. Eu não sabia das possibilidades. Mas sabia que era interessante.”

Após a primeira experiência por necessidade, Ramichel começou a trabalhar com o preparo do grão por interesse. Virou barista (responsável principalmente pelo preparo do café) e logo gerente. Infelizmente, o Manhattan Café não sobreviveu ao teste do tempo como o bairro nova-iorquino que o nomeava e logo fechou as portas.

O grão mudou a vida de Ramichel. Após o fechamento da cafeteria, nosso herói seguiu os passos de outro herói homérico, e assim como Odisseu, decidiu desbravar novas aventuras em outros cantos do mundo.

As aventuras renderam frutos.

Com certificação brasileira e internacional da SCA (Specialty Coffee Association) emitida na Califórnia, Ramichel Rocha é, hoje, barista formado e a cada dia mais apaixonado pelo estudo do grão. Expandindo conhecimentos e conceitos, fundou em 2020 o Meet Cafeteria e logo depois o Vichy Café, – este retorna uma ironia do destino, pois se localiza no Edifício Manhattan – ambos os espaços voltados para a apreciação do grão às suas diversas possibilidades e integrados em uma releitura moderna do já mencionado conceito dos cafés, coffeehouses ou coffee shops.

Além dos títulos, Ramichel ministra aulas e

COMÉRCIO

cursos sobre a arte de ser barista para todo o país.

Mais importante do que o sucesso empreendedor, no entanto, nas palavras do próprio, é a possibilidade de amar o café e expandir esse amor com os espaços que gerencia.

Com vista dos céus da cidade, qualquer um que sente em uma cadeira do Vichy e observe o horizonte teresinense pedindo um café ou qualquer alimento do cardápio pode ter uma experiência viciosa. Não há receptor de dopamina que não libere o neurotransmissor do prazer em um espaço tão agradável ao convívio humano. Nas conversas, na famosa Batata Rústica, na Bolinha de Queijo, nas variações de café ou em quaisquer outros alimentos do cardápio, o espaço criado por Ramichel torna-se um exemplo poético do apelo que os cafés tem na sociedade.

Em Teresina, a cultura do café e dos cafés segue crescendo, seja por cidadãos que apenas se preocupam em tomar o café-da-manhã, como minha vó, por figuras como a de Ramichel ou pelo enraizamento do grão do café na história do país e do mundo, é notável a força moderna do grão e dos estabelecimentos que surgiram há séculos e hoje foram revisitados aos adventos da globalização.

E nos tempos de hoje, quem recusa uma bebida quente e wi-fi gratuito? ▲



Foto: Arquivo Pessoal



Foto: Reprodução Internet

RECIFE: A CIDADE FANTÁSTICA



Yury Pontes

Em uma situação totalmente inesperada, cheguei à rodoviária da grande Recife, por volta das sete horas da manhã, em uma sexta-feira (24). A viagem, feita antes de todo o cenário caótico de pandemia de Covid-19, deixou lembranças marcantes. Depois de 18 horas de viagem, passando pelo interior dos estados do Piauí e Pernambuco, em companhia de minha namorada, vi a vegetação e infraestrutura dos municípios se alterando ao longo do percurso.

Chegando ao nosso destino, um hostel no centro histórico de Recife, encontrei Ricardo, o dono do local. Logo nos primeiros minutos em que havia chegado, conversamos sobre os pontos turísticos, as praças históricas, museus e a beleza daquela Capital.

Marcada por seus prédios antigos que preservam a memória desses lugares ao longo de séculos de construção, decidimos nos dirigir a algumas quadras do hostel. Chegando ao Marco Zero, ponto inicial para qualquer aventura naquele lugar, apreciamos a vista ao mar e aproveitamos para olhar o artesanato local. Chegamos ao prédio onde as peças dos artistas locais estão em exposição, prédio esse construído pelo Governo do Estado de Pernambuco, com intuito de atrair o turismo e fomentar a cultura.

Logo à frente deste lugar, tracei uma rota pelo centro histórico da Capital pernambucana. Bancos antigos, torres de observação, paços de efervescência cultural vão dominando toda a vista da região. Fachadas antigas, prédios preservados, museus a céu aberto. Uma explosão cultural a cada passo caminhado. O antigo Banco de Londres e Casa da Moeda, datada sua construção no final do século XIX, hoje é museu, com peças em amostra que chegam a perder o seu valor de observação, por tamanha exuberância do próprio lugar em questão.

Após horas de caminhada, passamos por todos aqueles lugares. O Paço do Frevo, um dos lugares que visitamos, parecia uma pintura artística exibida em grandes museus. Em suas paredes haviam telas com mensagens dos artistas e músicos que se apresentaram naquele lugar. No momento em que passeava por lá, não ocorria nenhum evento em especial, mas como já venho declarando, o próprio lugar era um evento especial.

Após conversar com alguns turistas que estavam pela região e que visitavam os pontos turísticos, sempre escutava a mesma conversa. Com tamanha exuberância faltavam palavras, “é bonito mesmo”.



TURISMO

Lugar marcante por toda a sua história de conquistas e derrotas. Já foi invadida, saqueada, incendiada, e hoje é o terreno que brota o sentimento de pertencimento em todos os que estão presentes, em especial a comunidade nordestina. Os registros históricos expostos, eram provas vivas da cidade-porto responsável pela colonização de outras regiões do Nordeste, como Ceará, Maranhão e Piauí.

Após minha caminhada e encontro com o passado, tenho uma reunião marcada com o Futuro. Porto Digital, lugar de fomento à produção de cultura a partir do desenvolvimento tecnológico. Resolvido os compromissos, decidi voltar à estaca zero, quer dizer ao ponto inicial de todos os caminhos, o Marco Zero. Durante horas naquele lugar, apenas apreciando o vento que assola tão gentilmente meu corpo, sinto-me em casa.

Já escurecendo, vou ao



Marco Zero.

encontro da boemia pernambucana. Rua da Moeda, lugar onde me hospedei. Descobri que a rua em questão era “Point de barzinhos”, com músicas ao vivo para todos os gostos. E também todos os preços! Em uma cidade tão bela, espera-se gastar muito. Contudo, meus gastos não chegaram nem perto do meu limite. Enquanto estava lá, as refeições eram 10 reais. Bal-des de cerveja por 30 reais. A

noite foi um banquete! Mas como tudo está mais caro, os preços podem ter sofrido altas.

Fizemos amizades por lá. Dois rapazes que havíamos conhecido no Marco Zero nos convidaram para conhecer um bar da região. Bebemos, ficamos até cerca de onze horas da noite conversando.

Os jovens me contavam

que além de toda a máscara turística de Recife, transporte, segurança e cultura para outras Regiões metropolitanas, popularmente conhecidas como “Grande Recife”, não se tinha tanto a oferecer. O que mais me reclamavam era a falta de oportunidades de emprego.

Após uma boa noite de conversas, fui ao hostel com minha namorada para descansarmos. Chegando lá, comecei a conversar com o dono da pousada. Ele nos contou diversas histórias sobre a construção de Recife. Falou sobre o passado até chegarmos a um assunto de seu enorme interesse, genealogias.

Ele me contava que estava à procura de sua árvore genealógica desde os 11 anos de idade. Hoje, já com quase 58 anos, conseguiu encontrar uma vasta linhagem de seus antepassados, inclusive Cleópatra. Parece mentira, eu também pensei isso, mas ele mostrou os seus registros de uma vida, hoje catalogadas em um site especializado nisso.

Com seu notebook e um site especializado em procura de genealogias, Ricardo mostrava sua árvore. Simplesmente incrível! Sua árvore genealógica, que havia encontrado, até então, já estava próxima de 2000 anos atrás! Fidalgos, Reis, Plebeus. Ricardo era a prova viva da miscigenação em nosso país. A partir de suas aventuras, interessei-me pelos assuntos. Ele me apresentou dois livros com diversos registros dos primeiros habitantes da colônia portuguesa e a origem de seus sobrenomes.

Em uma de suas histórias, ele contava que havia feito um teste de DNA para descobrir sua origem genealógica no mundo. E que a partir deste teste encontrou pessoas que tinham parentescos de muitos graus com ele. Porém esses parentes nunca lhe responderam de volta. Chateado, ele revela que na verdade uma dessas pessoas era da linhagem de Nelson Rodrigues.

Impressionado e espantado, continuei conversando com ele e me inserindo nessa

trama tão interessante. Logo de cara encontrei um sobrenome de família que bate com meus registros familiares. Após algumas horas, cerca das três da madrugada fui dormir.

Logo após acordar tomei meu café da manhã, e descii direto para meu próximo e último destino naquele mágico lugar. A cidade de Olinda.

Mesmo em baixa temporada, Olinda é uma cidade com muitos turistas, inclusive eu.

Marcada por suas construções históricas como igrejas, antigos mercados de escravos - que hoje são lojas de artesanatos -, vielas, fachadas de casas, além das muitas histórias por trás daqueles muros.

Até a construção linguística estampada em nossa cara. A tal da expressão “nem eira nem beira”, apresenta-se para nós através do guia turístico que explicava as histórias do local. Os telhados das casas que pertenciam a famílias



Foto: Reprodução Internet

TURISMO

ricas da região, tinham três camadas de telhas em seus tetos. A eira, entre a beira e a beira.

Nas igrejas, datadas do século XVI, altares adornados em ouro. Construções que já resistem a quase 500 anos de história. Uma dessas igrejas que conheci passou por reformas a partir de investimento de empresas norte-americanas, e que para aplicarem tal investimento pediram que o altar de ouro dessa igreja fosse desmontado, no início do século XXI, para exposição em Nova York. Contudo, logo após o atentado de 11 de setembro de 2001, foi trazido de volta para seu local original, pois havia o receio de que ocorresse algum atentado durante a exposição, e se perdesse essa relíquia histórica brasileira.

Após conhecer seus tão famosos bonecos gigantes, as bicas de águas naturais e toda a rica história dessa cidade, fui ao ponto mais alto da região. Com uma paisagem



sensacional de todo o lugar, me despedi daquele momento com uma vista inesquecível.

E assim, com esses lugares que marcaram meu consciente e inconsciente, com os patrimônios materiais e imateriais em constante preservação e fomento, retornei

a Teresina para expressar todas essas aventuras e instigar a todos que também façam parte dessa aventura, dessas memórias. Pois mesmo indo embora e trazendo de lá as histórias de seus habitantes e seus ricos monumentos, acredito que também deixei uma parte de mim naquele lugar. ▀



Foto: Reprodução

ARTE: UMA MANEIRA ÚNICA DE VER O MUNDO

Ádria Viana
e
Lara Matos

ARTE PIAUIENSE

Desde muito novos, Lídia Bulgari e Wêiler Barroso vivem uma vida próxima ao papel, tela, pincéis e tintas. Ambos com 23 anos, representam o sonho jovem daqueles que viram na arte uma forma de retratar sentimentos, amor, talento e futuro. Durante os próximos parágrafos vamos conhecer um pouquinho da história desses dois piauienses que puderam transportar seu talento para milhares de pessoas.

Para Lídia Bulgari, expressar seus sentimentos em telas está no sangue. Quando criança, sua tia apanhava as mais variadas tintas que possuía, pegava seus tecidos e pincéis e iniciava suas pinturas favoritas. O dom artístico, neste caso, era de família. Sua avó costurava e a mãe sabia bordar. A pequena artista, via ali crescer seu desejo em fazer o mesmo. Liberar a imaginação e criar algo com as próprias mãos já parecia emocionante. Hoje artista visual e estudante do curso de licenciatura de

Artes da Universidade Federal do Piauí desde 2018, Lídia, trabalha com a artista Luciana Severo, onde aprendeu a arte de ser professora e juntas lecionam pinturas para crianças e adolescentes em um ateliê em Teresina, já em outros dias da semana, se dirige a escola onde cumpre o restante de seus compromissos profissionais.

Ainda na escola, em uma feira que estimulava o empreendedorismo infantil, Lídia foi escolhida para ficar responsável por fazer pinturas para vender e arrecadar dinheiro. E assim como quem vê o futuro, que aos seus 15 anos Bulgari sentiu brotar no fundo do peito uma resposta. Era isso que ela queria, então bateu o martelo e disse: serei

uma artista!

“Essas coisas sempre estão adormecidas dentro da gente e a gente vai descobrindo com o tempo.”

E foi assim que, o que um dia foi brincadeira de criança



Foto: Reprodução

se tornou uma profissão. Nesta caminhada, a artista viu seu talento evoluir, e a convite de sua companheira de trabalho irá expor na cidade da luz, do outro lado do mundo, onde to-



cará o coração dos europeus. A “Le Carrousel do Louvre” é uma mostra internacional de arte contemporânea que acontece na gloriosa Paris, em um dos museus mais renomados do mundo, o Museu do Louvre. Expor uma obra em um dos espaços onde circulam os mais importantes curadores, admiradores e compradores de arte do mundo é extremamente importante para todo e qualquer artista seja iniciante ou não.

Dom, talento ou construção? Não dá para definir a história de Wêiler com a arte, a não ser pelo início, lá em 2015. Descontraído na hora de falar da sua trajetória, ele conta que já começou a fazer o curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Piauí, mas acabou seguindo outro caminho na academia.

Wêiler Barroso, é formado em Educação Física, mas sua grande paixão é desenhar. Segurar nas mãos o pincel é sinônimo de alegria e satisfação e finalizar uma obra é como terminar uma linda missão através de suas habilidades. Sejam quantas forem, por semana, por mês, cada uma tem um preço que ultrapassa valores monetários. Seu talento respira através de suas inspirações, que saltam do coração para a tela.

Ser jovem, ao contrário do que se pensa, não impediu que Wêiler conseguisse se sobressair no universo artístico de Teresina. Há 6 anos, quando começou de fato a se integrar no meio das artes plásticas, teve muito apoio. A família, repleta de artistas, o ajudou na inserção e incentivou no começo.

“Desde criança, sempre estive nesse universo. Meus pais eram decoradores de festa, e querendo ou não tudo levava ao que hoje é minha grande paixão”.

Do papel às telas, o eu artístico do jovem passou por mudanças que trouxeram a sua identidade para dentro de suas obras.

“A arte é feita de mudanças, experimentei algumas técnicas, formas e telas até firmar na que eu realizo hoje”.

“A arte é um processo, é muito interessante. A gente projeta e realiza uma coisa única”.

A exposição, lugar onde

ARTE PIAUIENSE

aquele esforço se conecta com o público, é tão importante para um artista quanto a venda de obras. É quando a identidade de uma obra se encontra com o

des voos, é necessário de certa forma arriscar. Acreditando em sua capacidade, o jovem artista saiu de Teresina, enquanto ainda estava na faculdade, para tentar

não abre mão de conciliar seu horário com seu dom artístico.

“Eu desenhava no papel, anotava meu número, e ia para o centro colar nas paredes. Esse é um dos fatos que me recordam de nunca desistir”.

Mesmo sem se conhecerem, vimos entre essas linhas a história de jovens que compartilham semelhanças tão especiais quanto às obras que criam. Em ambas as vidas, ser artista foi alugando um espacinho cada vez maior e, a partir dela, hoje o futuro desses jovens é cheio de esperança de seguir conquistando cada vez mais momentos inesquecíveis em qualquer que seja o cenário. Seja compartilhando o que aprendeu com seus alunos e dividindo seu tempo com outras habilidades, ou até mesmo recebendo pedidos no Piauí ou na capital da França.

Por onde a arte for, Lídia Bulgari e Wêiler Barroso também estarão.

“Eu penso que arte seja expressão, que seja uma maneira de ver o mundo, e que serve para sensibilizar”. ▲

Foto: Reprodução



gosto de um apreciador. Wêiler já pôde experimentar a emoção de ver suas obras em um dos eventos mais importantes do estado, o SALIPI (Salão do Livro do Piauí) no ano de 2017 e fala com muito orgulho de sua trajetória, mesmo com seus altos e baixos.

Como todos os sonhos, muitas vezes, para alçar gran-

uma bolsa para estudar em um dos centros educacionais mais famosos do Brasil, o Belas Artes. Infelizmente, ele não chegou a alcançar a maior pontuação.

O sonho não acabou, afinal, quem ama a arte, encontra a inspiração até nos planos que não dão certo. Hoje, ele trabalha na área de educação física, mas,



A VIDA DE NONATO OLIVEIRA: UM RETRATO DA ARTE



**Gabriela Varanda
e
Jeyson Moraes**

Era quase fim de tarde, de uma quarta-feira cheia de sol, quando o inquieto e simpático Raimundo Nonato de Oliveira, mais conhecido como Nonato Oliveira, ou “Meu véi”, como carinhosamente Sergio Donato chama o pai, nos recebeu em casa, localizada no histórico bairro Marquês de Paranaguá, na zona norte de Teresina.

Seu Nonato tem diversas funções, ele é pintor, escritor, desenhista, faz filigravura, gravura em metal, já fez edificações, eletromecânica, direito, economia e matemática, é marido, pai e avô. Hoje, o artista piauiense, sobrinho de outro grande artista, Mestre Dezinho, carrega em si marcas de uma vida muitas vezes dura e conta que descobriu seu talento ainda bem pequeno, no interior do Piauí, a mais de 200 km de distância de onde mora atualmente. E ainda assim, continua a pintar, desenhar e esculpir com toda vida que tem dentro de si, apesar das limitações físicas que os 72 anos de história impõem.

“Foi lá no sertão de São Miguel do Tapuío, meu pai estava fazendo reboco da sala da casa e eu comeci a desenhar as pessoas, as árvores e os animais, ainda criança, desenhava com qualquer material que tinha. Eu vim para Teresina quando tinha 12 anos, nós viemos de jumento até Valença, eu em um jacá e meu irmão em outro jacá. Como ele era mais velho que eu, tinha uma pedra no meu jacá para eu não cair. De lá, pegamos um ônibus para Teresina e estamos aqui. Quando cheguei, vibrei com as cores dessa cidade”, relembra.

O sofá é confortável, mas seu Nonato não senta um segundo, durante a conversa, ele faz questão de mostrar e falar das obras espalhadas pela varanda e sala de casa, apontando e explicando cada uma. Mesmo com a fala embolada e as memórias um pouco embaraçadas, por conta de um AVC, um dos artistas mais renomados do Nordeste e do país, tem



prazer em falar sobre sua carreira artística.

Entre as obras mais importantes, está uma série de trabalhos sobre a Guerra de Canudos, que o levou às terras europeias, algo que para aquele menino de 12 anos em São Miguel do Tapuio seria inimaginável.

“Ganhei uma bolsa do Governo da França. Tive que conseguir o passaporte com o Governo Federal no Rio de Janeiro, foi difícil, mas deu certo e fui para a Europa, onde fiquei por dez anos, fazendo muitos amigos, inclusive fui amigo do Pablo Picasso, ele até me desenhou, em 1968.”, recorda o artista.

Lá, por uma década, ele morou perto do amigo (Picasso), que todos os dias fazia pinturas de mulheres, e assim foi até o último dia de vida do Pablo, em 73. Na França, Nonato pagava com a bolsa que recebia do governo o hotel e a comida. Todo o resto era fruto do seu trabalho, que por muitas vezes, esteve ex-



posto em museus e galerias em diversos países.

A série sobre a Guerra de Canudos, que o levou até a Europa, de fato impactou sua carreira, mas o carinho grande, grande mesmo, é pela obra do Centro de Convenções de Teresina de 1994,

na qual a restauração durou 30 dias. Outra obra que ele tem muito carinho fica no Poti Velho, “aquela escultura do Cabeça de Cuia e as Sete Marias”, como ele chama, hoje um dos principais pontos turísticos da capital piauiense, que durou 40 dias para ser feita.

ARTE PIAUIENSE

Quando perguntamos o motivo do sentimento tão forte por essas obras, especialmente pela obra do Centro de Convenções, ele responde, “A obra é o Turismo do Piauí, eu fiz contando a vida do povo piauiense, as individualidades e o calor humano de cada um, porque o calor humano do piauiense é maior que calor quente”, fala o artista demonstrando todo o amor pelo Piauí.

Ele conta ainda que o convite para a restauração da obra surgiu de uma construtora de São Paulo, responsável pela reconstrução do CCT. “Imediatamente eu aceitei”, diz Nonato. O artista afirma que precisou da ajuda de três grafiteiros, uma máquina alugada e muito planejamento para restaurar a obra, que tanto chama a atenção na Avenida Marechal Castelo Branco e que ficou, por muitos anos, apagada e esquecida.

“Foram dois meses pensando na logística e 15 dias de mão de obra. O tempo dificultou apagando o painel, mas deu tudo certo. É um quadro muito grande, mas muito especial. Fizemos primeiro no papel, estudamos como era antes, como estava cores, mas conseguimos restaurar”, conta.

Sua relação com o mundo não findou na França, sua arte o levou a Portugal, Espanha, França, Estados Unidos e México. Mas hoje, essa realidade não existe mais, seu porto agora, e finalmente, é Teresina, sua família e suas obras. ▲





SÃO JOÃO, SÃO JOÃO! ACENDE A FOGUEIRA NO MEU CORAÇÃO

Ronney Oliveira
e
Nathalia Carvalho

Oxente!



A festa precisou parar para que o mundo voltasse ao normal, ou iniciasse um novo normal. As cores, antes vibrantes tal como o arco-íris, passaram a ser apenas o preto e o branco. Ali já não

existia mais aquela alegria, o brilho. O frio passou a tomar conta do coração que antes ardia com a chama de São João. Assim foram os últimos dois, quase eternos, anos sem as tradicionais e tão amadas festas juninas.

Já não era possível sentir o calor da fogueira, o brilho no olhar e a alegria no rosto de quem é amante da época. Mas passado o tempo, como algo impossível, a esperança voltou a encher o sorriso desse povo que já pode comemorar, porque esse ano tem festa junina.

“Ainda está sendo até meio difícil de acreditar que a gente vai viver tudo isso de novo, sentir a emoção de dançar presencialmente, de ter o público ali, de sentir tudo o que a gente já sentiu antes”, foram as palavras emocionadas ditas pela jovem Thaís Santos, menina de periferia, que conheceu o mundo das quadrilhas juninas quando frequentou uma igreja lá em 2009 e recebeu o convite de amigos para

fazer parte da festa. Desde então, apaixonada pela magia do São João, passou a viver a cultura cada vez mais intensamente até quando a pandemia da Covid-19 suspendeu a festa por um tempo.

Quando tudo parecia não ter mais volta, as coisas começaram a conspirar a favor e o retorno das quadrilhas batia na porta pedindo espaço para entrar. “É surreal estar voltando aos tablados, desacreditada, mas com o coração palpitando”, declarou a brincante apaixonada.

Como seria agora? Questionava a si mesmo, ainda processando que após tanto caos, tudo começava a se normalizar. Seria bom? Seria igual?

“É uma coisa que é ao mesmo tempo nostálgica, mas totalmente novo. Depois de tudo isso, eu não vejo a hora de estar lá. Não vejo a hora de poder desfrutar desse momento”, tudo se encaixava e para ela o futuro já estava ali.

Dias de céu claro, noite com mais estrelas, vento frio e cada passo do dia com uma pitadinha de ansiedade. Essa receita descreve bem o que é o São João para os quadrilheiros, que por incansáveis meses preparam-se para re-

retora do grupo de quadrilha teresinense Junina Explosão Estrelar, fundado em 2011. Como se não bastasse, foi ainda eleita a melhor rainha junina do Brasil.

De Norte a Sul, essa cultu-

dos os lugares do país de maneiras diferentes, mas que ao mesmo tempo é muito singular e homogênea. São João para mim é uma vida, uma maneira de viver e estar”, detalhou Jeciane. Em certo ponto da conversa, descreveu que um forte arrepio tomou conta de seu corpo e sentiu como se fosse os próprios santos abençoando as festividades do período e dando sinal de que a festa retornou.

Meninos com chapéu de palha, meninas com saias de filó

Tudo que se mostra bom tem uma longa história por trás e não é nada diferente nas quadrilhas juninas. Meses de dedicação, noites em claro, estresse e ansiedade. Tudo isso em prol da felicidade futura, mas com um sentimento de gratidão.

Cabeça em alerta a todo momento, coração aberto para sentir os sinais já que podem ser em qualquer manhã,

Foto: Reprodução/Instagram @Diogodolila E @Bernadodisousa



Diretora E Rainha Da Junina Explosão Estrelar

ceber a data da maneira mais acolhedora e intensa possível.

“Para mim é mais do que um período, uma dança, é um estilo de vida”, declarou Jeciane Sousa, com brilho nos olhos, lembrando os onze anos em que esteve participando das tradicionais festas juninas. Ela é coreógrafa e di-

ra é vivenciada por pessoas de todos os estados do país, de maneira individual em cada região, todas com suas particularidades e é isso que dá mais força à magia do momento.

“É uma cultura, é algo que move toda uma galera, uma comunidade, em to-



Casal de noivos da Junina Explosão Estrelar

tarde, noite ou madrugada que a inspiração vem e é preciso estar pronto para saber receber a ideia e então desenvolver.

O caso do coletivo Junina Explosão Estrelar é esse. Um momento de inspiração abriu caminhos para que todo o espetáculo de 2022 fosse ide-

alizado e produzido. O processo, entretanto, é árduo, demorado e trabalhoso. Tudo é feito ao mesmo tempo, mas cada coisa em seu lugar. Cada pessoa com uma função. Lá tudo se faz e tudo se aprende, todas as pessoas motivadas com o mesmo objetivo, juntas criam histórias que são levadas ao público com men-

sagens de fé, luta e amor.

“O processo varia bastante, mas sempre parte mais ou menos dos mesmos princípios, que é imaginar primeiro o tema e a proposta que vai ser trabalhada. Depois a gente tem que procurar desenvolver ele em quadra, né? Transformar esse tema no Junino, englobar dentro do universo junino”, explicou Jeciane, detalhando todos os passos que antecedem as apresentações do grupo.

Assim foram todos os anos da brilhante trajetória da Explosão Junina Estrelar. Este ano, após os dias sem cor, tudo começa a ficar mais vivo e incrivelmente com a mesma intensidade, o mesmo amor, a mesma fé e dedicação. Meninos com chapéu de palha, meninas com saias de filó e ambos vestidos de esperança. Esperança essa de um São João de paz, diversão, calor e emoção. ▲

MEMÓRIAS QUE CONSTROEM A HISTÓRIA

**Geovana Sousa
e
Jéssica Carvalho**

Conheça o cenário cultural do centro
de Teresina no século XX

Entendemos como centro urbano o distrito sede de um município que possui maior atividade financeira e social. Em Teresina, há quem comente sobre a falta de variedades no centro quando o assunto é entretenimento. Atualmente, a maior referência de pontos culturais, gastronômicos e sociais da capital é a Zona Leste. Mas será que sempre foi assim? Muitos são os questionamentos quando nos deparamos com o vazio do centro à noite.

Rosinha Vieira se prepara para ir a um encontro em sua Igreja, antes de sair, pensa nos objetos necessários que irá precisar na reunião. Olha para seu celular e questiona-se se deve levá-lo. Por fim, pensando na violência local decidiu então deixar o aparelho em casa. Dona Rosinha, como assim é chamada pelos mais jovens, tem 67 anos, viveu no centro da cidade desde seu nascimento, formou família e criou seus filhos na região. Andando pelas ruas a caminho da Igreja, Rosinha relembra os momentos de alegria que viveu naquele pedaço de terra, que agora é coberto por asfalto. A idosa compartilha com os mais novos a memórias felizes de sua juventude.

“As coisas eram bem diferentes no passado, não temos aquela liberdade de antes, com a violência fomos abandonando as pequenas ações da nossa rotina como por exemplo, andar a pé à noite. A gente andava para todo o canto da cidade sem medo, inclusive para as festas que aconteciam na região. Eu brincava com meus amigos de infância em nossa rua e os mais velhos colocavam suas cadeiras para fora e ficavam conversando na calçada”, declara.

Com a chegada do mês de junho, nos preparamos para tradicionais festas juninas. Para nós nordestinos, essa época é marcada por tradição e lembranças afetivas em nossas corações. Com dona Rosa não é diferente, uma das lembranças mais queridas da aposentada são as festas de São João. “Lembro da animação das pessoas quando chegava o período de junho, era uma alegria sem fim! As festas de São João eram sempre animadas, costumavam fechar as ruas e mobilizavam jovens de toda a cidade”, recorda.

Nos anos 1990, nossa cidade cresceu significativamente mesmo enfrentando dificuldades e problemas sociais sérios, como desemprego e a falta de saneamento. Apesar das dificul-



Foto: Reprodução / internet

dades citadas, a época foi marcada pela ascensão das formas de lazer e sociabilidade no centro da capital, como aponta o historiador Raimundo Nonato Lima.

Carlos Augusto Madeira de 57 anos, viveu uma juventude feliz e movimentada no finalzinho dos anos 80, ele sempre foi uma pessoa desenrolada e falante que adorava sair e dançar com seus amigos, seus lugares preferidos eram as antigas discotecas Moby Dick, Solares e Top Som e, como ele diz, era inimigo do fim, um dos últimos a sair da festa. Hoje em dia, ele mora no centro com sua família e lamenta que seus filhos jovens não possuem a mesma energia festeira e nem a oportunidade de frequentar esses eventos.

“Era um período, onde nós jovens aproveitávamos o máximo possível das diversões que eram organizadas na cidade. As noites eram sempre muito ecléticas, tínhamos todo tipo de variedade para frequentar, como as antigas discotecas Moby Dick, Solares e Top Som. Eu também gostava de participar da feirinha de artesanato que era exposta na Praça Saraiva, por lá sempre tinha muitos artistas e música ao vivo”, relata.

A Feira Popular de Arte da Praça Saraiva, citada por Carlos, era um evento frequentado por crianças, jovens e adultos. Geralmente, o público da feira formava-se após as missas dominicais realizadas na Igreja Catedral

Nossa Senhora das Dores. Famílias católicas aproveitavam o momento “pós-missa” para assistir atrações culturais e consumir comidas e bebidas típicas do Nordeste, como o mingau de milho e a cajuína piauiense.

Pedro, com seus 30 anos de idade é um assíduo frequentador de bares e espaços culturais. O jovem entra sempre em um dilema quando precisa escolher o destino para sair à noite, frequentemente pensa nos bares que ficam em torno de sua residência no centro da cidade, a Casa Barro e o Toca do Placito. Quando dirige, olha os prédios abandonados, a praça Pedro II escura e os estabelecimentos resistem ao lado do Teatro 4 de Setembro. Para o estudante de ciências sociais,



Foto: Reprodução / internet

a revitalização do centro de Teresina é caminho ideal na valorização cultural da cidade.

“Acredito que a revitalização da cidade seja primordial para a valorização cultural. Além de democratizar o acesso à cultura, o que difere do cenário da Zona Leste que não atende todas as comunidades que buscam lazer. O centro é uma área na qual as pes-

soas têm mais vias de acesso, é o lugar que abre mais possibilidades e democratiza o acesso de mais pessoas. A ideia não é transformar o centro em uma nova Zona Leste, mas sim investir no patrimônio histórico e valorizar os encontros culturais da área, para que novos caminhos sejam incrementados. É importante que o centro possa atender todos os grupos sociais através da valorização do local, que

possua mais diversidade e transporte público”, destaca.

Muitas cidades pelo mundo já iniciaram processos de revitalização nas zonas urbanas. O Brasil caminha com passos curtos nesse desenvolvimento, entretanto, o país conta com alguns exemplos que nos ajudam a perceber a importância do empreendimento nos centros urbanos, como é o caso da reabilitação do Centro Histórico de São Luís. ▲



NA VIDA E NA VIOLA

A alma cantante da literatura de cordel piauiense

**Ilanna Serena
e
Maria Teresa Berger**

Essa história inicia no interior do Piauí. Povoado Malhada, em Bocaina, região sudeste do estado. Era setembro de 1959, quando nasceu Raimundo Clementino Neto. Em seu paraíso

encantado, ainda menino, aproveitava a sombra do juazeiro para sentir a brisa passar.

Na terra sofrível de um trabalho árduo, a cantoria fazia festa. Desde pequeno, observava os mais velhos no improvisado das can-



Foto: Ilanna Serena

CORDEL PIAUIENSE

torias do Reisado, pedaço significativo de sua alegria e da de seus conterrâneos. Da melodia da prática religiosa, nasceu uma inspiração. De improviso em improviso, Raimundo Neto pegou gosto pela coisa:

“Foi o primeiro contato que eu lembro, embora talvez já tenha nascido com o Reisado embutido”.

Entre palavras e rimas, a curiosidade se transformou em vontade de escrever tal qual “gente grande”. Ele até tentou largar de mão, mas não teve jeito. Enquanto colhia arroz e algodão em um roçado, decorou estrofes e realocou palavras, dando espaço, pouco a pouco, à criatividade que lhe marcaria para o resto da vida.

Na juventude, as circunstâncias o levaram até São Paulo, onde morou por 15 anos. Por dois destes, o cordel esteve morto-vivo dentro de si. ‘É coisa de velho, tem que estudar’, chegou a ouvir. Em 1978, foi presenteado, por uma colega de trabalho, com

a clássica obra francesa O Pequeno Príncipe. Ali, se afeiçãoou, ainda mais, se é possível, às letras. Juntou, então, as poucas produções em uma pasta qualquer. A primeira, de apenas três estrofes, recebeu o nome de São Paulo: o sonho de um nordestino.

Na faculdade, em um dia qualquer, surgiu um cordelista com obras para vender. Na maior curiosidade, Raimundo começou a fuçar, perguntar e comprar. No fim do dia, o vendedor carregava, risonho, histórias do jovem estudante debaixo do braço, sussurrando aos quatro ventos “não vou mexer aqui em nenhuma vírgula”. Dito isso, vinte dias depois, lá estava a publicação. Um conjunto de rimas, um desenho meio torto e o nome de Raimundo, o novo poeta piauiense de Picos, na capa.

“Esse nome de poeta me lascou”.

Das folgas do roçado, os versos ao som das violas compunham também a alegria de outro menino. Distante

quase 500 km da terra de Raimundo, estava José Edimar. Nascido em Piripiri, mudou-se para o interior de Altos aos quatro anos de idade. E foi ali, em feiras aos finais de semana, observando os folheteiros cantando no meio do mercado para vender produtos, que viu em seu peito desenvolver certo encanto por aquela arte.

“Comecei era pequeno demais. Eu ia pra a feira com o papai e achava lindo demais. Foi o meu primeiro encontro, acho que eu tinha uns 6 anos.”

O cordel era presença marcada não só nas feiras, como nas rodas de amigos, na alfabetização das crianças. Era a literatura popular circulando de maneira tão ágil quanto a rima de um violeiro que declama em plena praça. Passados alguns anos, já em meados de 1973, de histórias, ou melhor, de fuxicos sobre um lugarejo chamado Taboca, nasceu o primeiro folheto inventado por Edimar:

Foto: Ilanna Serena



Cordelista piauiense José Edimar Mendes Barbosa

“Terra dos Fuxiqueiros”.

A prática de cantar poemas e espalhar histórias desenvolvida por Raimundo, Edimar e tantos outros, surgiu entre os séculos XII e XIII, entre trovadores medievais. Os primeiros versos registrados no Brasil datam de 1893, na Paraíba. Pequenos textos corridos e

poemas, escritos ou falados, sempre vendidos de mão em mão à baixo custo, ou declamados em locais abertos. Há quem diga que o cordel é o mensageiro da cultura nordestina, perpetuando memórias através do seu ritmo cadenciado e do seu caráter lúdico.

ção que esse estilo literário oferece ao leitor-ouvinte.

Marina Campelo aprendeu isso desde cedo. A ser uma boa leitora-ouvinte. Era década de 60, quando se reunia com outras crianças todo fim de tarde, em sítios localizados no interior de Pedro II. Ali também vivia um senhor que cantava, tocava e rimava versos que conversavam com o imaginário infantil.

“Aí aquilo ali a gente cresceu ouvindo. Incentiva muito. A questão dos sonhos. Coisas boas da infância são histórias que a gente ouve. Para dormir, para sonhar.”

O incentivo daquele senhor perpetuou o tempo e a memória de Marina, que apesar de ter seguido outro caminho dentro da escrita, reencontrou em 2009, aquela criança apaixonada pelo cordel. Da paixão e das lembranças nasceu a primeira publicação nesse estilo:

“Memórias da minha infância e lendas de Teresina em versos”.

DAS FEIRAS ÀS SALAS DE AULA

Das semelhantes trajetórias de Marina, Edimar e Raimundo, o impulso do estilo poético se encontra. A evidência da proximidade entre cantante e ouvinte e a facilidade estabelecida pelas rimas no aprendizado viraram tema de muitas pesquisas desenvolvidas por Wilson Seraine, o único piauiense integrante da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Mas Wilson nunca foi poeta.

“Eu não sei nem o final da rima ‘batatinha quando nasce’”.

Seu envolvimento com o estilo literário veio de outras formas, por outras vias. Do estudo da vida e obra de Luiz Gonzaga, das coleções de cordéis que acumulava e do contato com muitos poetas, como Pedro Costa. Wilson era da física, e seguia firme na vida acadêmica. Logo era a



Histórias de princesa, de cavalarias, romances. Poemas rimados, geralmente em seis versos - conhecidos como sextilha. A temática trovadoresca habitava o imaginário de muitas crianças que cresceram acompanhando cantorias em praças, feiras, ou no processo de alfabetização, com a facilidade e aproxima-



Cordelista piauiense Marina Campelo

vez do mestrado. E apesar de não saber como, ou o que fazer, decidiu que queria abordar a literatura de cordel na sua tese.

Eureka! Nada mais justo que provar por A+B que realmente o cordel facilita. “A rima facilita a memorização. Isso nós provamos em sala de aula. A nossa dissertação tá aí para isso”. A tese “O uso da Literatura de Cordel como texto auxiliar da Educação Básica” foi só sucesso.

Daí em diante vieram muitas outras produções. Teve Einstein na literatura de cordel, antologias de cordéis sobre Luiz Gonzaga e até mesmo temáticas como a radioatividade. “E tal ousadia rendeu”, celebra Wilson apontando para um pequeno cartaz timbrado pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel. A posse da cadeira oitavo da categoria pesquisador veio em 2018, nove anos depois da defesa da corajosa tese de mestrado.

O CORDEL TÁ ON?

Wilson não poupou palavras ao descrever as mudanças sofridas no contexto da literatura de cordel. Se na década de 60, crianças, jovens e senhores passavam o tempo compartilhando tais versos, o que será desses versos em um mundo agora dominado pelas inúmeras possibilidades promovidas pela internet? 2022, cenário

de uma possível recuperação depois de dois longos anos de pandemia. Economia em recessão, educação caminhando em um retorno lento e gradual. Se antes o mundo já pendia para uma vivência online, quiçá agora, depois do distanciamento forçado. Mas o ritmo das sextilhas não encontra no esquecimento seu destino.

“O cordel nunca vai morrer. Como alguns disseram: com a internet o cordel vai ser esquecido. Ele não foi esquecido. Ele está um



Foto: Reprodução

pouco adormecido pela pandemia, mas com certeza vai voltar com força total!”, diz Wilson de maneira enfática ao mencionar a adaptação do cordel ao mundo online. Reação um tanto distinta, mas com a mesma opinião de Marina.

A poeta, fazendo jus ao seu dom afiado para a escrita, transcreve nos seguintes versos o que há de ser a nova era

do cordel:

Recentemente, o cordel
Conquistou mais confiança
É versado na internet
Por adulto e até criança
Em escolas e oficinas
Nas cidades nordestinas
Assume a liderança.
Até na televisão
Cordel já foi encenado
Em funerais, orações,
Casamento, batizado...
Para narrar qualquer feito

O cordel soa perfeito
Quando é bem elaborado.

Na vida cotidiana
Do nordeste brasileiro
O cordel tem se firmado
Como fiel mensageiro
Usando linguagem pura
Levando a nossa cultura
Aos confins do mundo inteiro. ▲

Foto: Reprodução / Labcine

CINEMA DE GUERRILHA E IMENSIDÃO

Cinema Piauiense

Ana Carolina Dias
e
Bruno Chaves

CINEMA PIAUIENSE

A verdade é que desde quando era criança e vi “O Auto da Compadecida”, o cinema deixou de ser mágico pra mim. Sem as grandes explosões e tiroteios dos filmes que via com minha mãe, perceber um cinema-poesia mudou meu modo de ser. Sem grandiosidade e sem magia, só anos depois entendi

“As coisas que não têm dimensões são muito importantes. É no ínfimo que eu vejo a exuberância”.

que isso era um pouco de Manoel em tudo.

Na cidade que cresce e finda entre rios, o cinema tem sido feito nas ruas, com sonhos e sentimentos de jovens que por meio das lentes e sensibilidade, cruzam suas vivências com as histórias que encontram- ou procuram- no caminho.

Weslley é realizador audiovisual e, como muitos de nós da geração dos anos 90, cresceu assistindo à sessão da tarde e alugando filmes. Quase todo mundo se animava em pegar algum título na sexta-feira, sabendo que poderia ver quantas vezes quisesse até segunda, já que o tempo de locação às sextas se estendia (pelo mesmo preço!). Essa ideia de tempo, filme e espaço, tem se repetido na sua vida e em suas inspirações.

“O audiovisual é recente na minha vida. O cinema sempre esteve presente. Nasci em 92, eu cresci alimentado pela sessão da tarde. Minha mãe trabalhou para uma empresa que locava dvd. Então, eu tive

esse contato muito próximo. Mas isso de entender cinema como forma de expressão foi na Universidade. Depois das oficinas, a gente passa por muita coisa, especialmente nos encontros de comunicação, que a gente tem contato com outras vertentes do jornalismo. Eu lembro que vi o audiovisual e já vinha de práticas com um amigo, que começou o Labcine comigo, o Marcos Vinícius. A gente tinha um interesse em comum: assistir filmes e discutir sobre eles. Foi juntando tudo isso, alinhado com o curso do Monteiro Junior, que era o curso de maior durabilidade em Teresina, na Casa da Cultura. Acabei virando amigo do Monteiro e comecei a frequentar cotidianamente as aulas. Fiz um curso de introdução sobre teoria. O Monteiro já é uma grande referência do cinema local, ele tem um acervo na cabeça dele. É muita referência e isso abriu minha mente. A gente teve esse primeiro contato de forma bem acadêmica, estudando a história, os movimentos. Claro que de uma visão bem eurocêntrica, cinema norte americano também, que é o que é mais consumido hoje no mundo, mas abrindo para outras possibilidades de cinema. Sobre as questões técnicas, a gente foi aprendendo tudo muito meio que coletivo, sabe? As vivências, o jornalismo fez com que a galera tenha se interessado muito pelas práticas em cinema. Tanto que a gente encabeçou um movimento, em 2018, e produziu alguns tcc ‘s. Na UFPI, no estatuto, uma pessoa só faz um documentário

e a gente achava isso uma contradição acadêmica. E a gente se uniu assim nessa vibe de realizar filmes de maneira independente. Já vinha nessa onda do “reação do gueto”, que foi nosso primeiro curta que teve mais relevância, que circulou em muitas mostras e festivais, depois disso a gente conseguiu seguir nessa coisa de reinvenção, do que é o cinema”.

Ouvir Wesley falando de cinema, especialmente da produção cinematográfica que pensa em experimentações, nos faz percorrer um outro caminho, que começa quando vimos surgir a praticidade das câmeras digitais, especialmente nos celulares, e hoje é um requisito fundamental até nas escolhas dos aparelhos. É bom pensar que todo mundo tem um jeito de ver e que esse olhar poderia ser filme. Isso se encaixa um pouco em um conhecimento novo aqui: O grupo da produtora usa o conceito de filme de rolê.

A gente se expressa da maneira como pode, cria nossas formas de expressão, nossas definições e meio que defende isso, esperando que em algum momento a gente tenha retorno financeiro para poder sobreviver fazendo isso, o que é muito difícil por aqui. Fazer cinema aqui é uma guerrilha eterna, cinema de guerrilha mesmo, cinema experimental. É um fazer coletivo. Hoje Labcine se configura como uma produtora. Mas antes era muito pelo rolê, a gente até brinca e olha pra alguns filmes e diz que isso é filme de rolê, feito durante um rolê. A gente ia nessa energia mesmo de ah, vamos fazer alguma coisa e aí de repente tinha uma ideia, tinha um tema, trabalhava em alguma coisa que dava filme. Alinhado também com o jornalismo, com essa ideia do olhar crítico sobre a sociedade, estar sempre questionando. A gente foi descobrindo cinema. Talvez seja importante para daqui alguns anos. Mas hoje,

a importância que a gente dá é de registro, nossas vivências, nossos ciclos e às vezes rola de jogar isso pro mundo e é outro tipo de retorno.

Conversar sobre cinema, além de consumir, é olhar ao redor e ver que tudo é vasto e imensidão. Que a poesia permeia os dias. E parece que todos os filmes que marcaram a gente vão surgindo na conversa. Trocando ideias de escrita com o Bruno, outro autor desse texto, quando essas linhas eram só ideias, ele brinca:

Ainda hoje me lembro a primeira vez que fui ao cinema, fiquei impressionado com tudo. O filme era uma comédia brasileira. Fui crescendo e continuei gostando de cinema, comecei a acompanhar mais e mais rotinas de produtores, editores e fui criando um gosto que estava virando hobby, mas então percebi que não era eu a grande promessa do cinema brasileiro.

Já eu, Ana, nunca tentei



ser a promessa, sempre fui muito afetada pelo que via, ouvia e sentia. Por isso sempre tive um pouco de dificuldade em escrever resenha. O sentimento ainda é um campo estranho por aqui. Por isso, talvez consiga só descrever um pouco a última vez que fui ao cinema: 21 de maio deste ano, Cineteatro São Luiz, com Serena e Gabriela. A entrada reformada, man-

tendo a arquitetura original. Cinema de rua, no meio do centro. Faz você se sentir em um universo todo diferente e feito pra gente. Também parecia uma cena de um dos meus filmes favoritos: Lisbela e o Prisioneiro. Assisti “Medida Provisória”, na cidade que amo, com duas das minhas pessoas favoritas, em um dos cinemas mais bonitos que já vi. Não se pode mensurar ou

escrever sobre isso. Mas me lembrei de Carmen Maura em “A lei do desejo” filme de Pedro Almodóvar:

“No te enfades conmigo, Pablo. Soy muy vulnerable y muy imperfecta”.

Ou, ainda melhor, como diz Wesley:

Tem tudo a ver com minhas vivências. Acho que todo cinema que eu fiz, que eu tentei fazer aqui, todo filme foi carregado de vivências pessoais. Mesmo que só através do olhar.

Do mesmo lado do rio e sempre em trânsito, Poliana Oliveira começou a registrar memórias de família com uma câmera pequena e simples.

E aí quando eu cresci, surgiu o interesse e minha mãe comprou uma maquininha pequeninha, uma primeira digital e aí eu consegui ter um pouco mais de prática e de vivência com a fotografia.

Anos depois, assim como



Foto: Reprodução / Labcine

Wesley, o curso de comunicação social expandiu as possibilidades da jovem jornalista.

“Eu trabalhava só com fotografia fazendo eventos, ensaios, outras coisas. Mas começou a surgir a necessidade de fazer vídeo, dentro do jornalismo também a gente tinha algumas matérias que poderiam produzir documentários e aí eu comecei a ir por esse

caminho. Eu lembro que um dos primeiros que eu fiz foi numa matéria prática do primeiro período. Um documentário sobre a construção da terceira via na ponte da Frei Serafim, que tinha um projeto de destruir o canteiro, tirar várias árvores e aí surgiu o interesse de falar sobre isso. Acho que foi o primeiro documentário mais estruturado que consegui fazer e isso em 2015 ainda.

E naquele mesmo ano, por conta de uma vivência de um núcleo de jovens que eu participava de voluntariado, eu também acabei desenvolvendo outro documentário, outro projeto, sobre esse núcleo. Então acho que 2015 foi o pontapé inicial dessa jornada dentro do audiovisual”.

Hoje a Poli, como nos permite chamá-la, é assistente de direção de uma

série produzida por uma plataforma internacional. Se mudou para a cidade cinza que, dizem, há amor, e re-flete sobre o audiovisual nas suas duas cidades: Teresina e Timon.

Queria muito que tivesse um curso de cinema em Teresina, mas sei que é um passo a se conquistar. Isso também entra nessas questões de políticas públicas. A gente infelizmente ainda tem um estado que está um pouco atrasado em relação aos outros do nordeste nessa questão de desenvolvimento e incentivo ao audiovisual. Conquistamos há pouco tempo editais exclusivos para cinema, mas que a duras penas ainda precisa ser concluído, ainda tem parcelas a serem pagas.

Poli fala rápido, um áudio entre uma gravação e outra, outro depois das 12 horas de trabalho diárias que, inclusive, a fez transformar a graduação de 4 anos em 6. Entre poucas pausas e suspiros, ela deseja voltar e

seguir sonhando o Piauí e o Maranhão por meio de suas lentes e das de seus colegas.

“Esse ano de pandemia acho que frustrou muito com essa questão de mobilização, porque a gente ficou muito desmotivado, o Brasil também tá com uma situação política muito ruim e a inflação tá muito alta e a gente precisa trabalhar, precisa sobreviver e a gente acaba se desgastando muito e acaba ficando sem forças para se mobilizar como gostaria. Eu sei que eu poderia fazer mais, mas eu faço o que eu consigo no momento que é tentar agarrar algumas oportunidades para poder num futuro bem próximo me engajar mais, tentar movimentar mais, que é meu desejo. Tentar fazer coisas aqui, aprender o que eu posso aqui para poder, já que eu estou conseguindo essas oportunidades, voltar, sabe? Para poder desenvolver os projetos que eu sempre quis, mobilizar e me juntar com a galera que já produz dentro do nosso

estado. Porque a gente tem muitos artistas, tem muita coisa já produzida e sendo produzida dentro do Piauí. É preciso se mobilizar para conseguir as políticas públicas para isso, para valorizar o mercado, para a gente ter mais condições de trabalho, para a gente conseguir produzir o que a gente quer e não ficar dependendo de algumas migalhas que nos são dadas”.

Entre Polis e Weslleys, os sonhos são tecidos nesse cinema com cor, som, bom texto e direção que vai além. Que são de memórias e guerrilha, que trazem suas vivências e que desejamos, em um amanhã próximo, que sejam mais suaves e que possam ficar aqui. ▲



Foto: Reprodução / Labcine

George Nasci, e a dança come-

Foto: Revista Cultura Verde



Iamercia Rocha

BALANDÊ/BAIÃO: A RAIZ

O balanço das mulheres, o gingado dos homens, a leveza dos giros com vestidos longos e estampados, o tac tac do gafanhoto e a música típica do sertão do século XIX juntos dão origem a maior manifestação

cultural da cidade de Monsenhor Gil, localizada a 56 km da capital Teresina.

Falo do Balandê/Baião, dança que segundo pesquisas e relatos de populares nasceu diante do processo de libertação dos escravos. A



manifestação acontecia sempre em noite de lua cheia ou sob a luz do candeeiro durante as rezas consagradas aos santos.

Diferente do imortalizado Baião de Luís

Gonzaga que tem como uma de suas características o fato de que os pares não podem se tocar, no balandê não existe esta condição. Os populares da época, contam que na década de 40, Luís Pe-

reira de Andrade, o Mestre Zé Coelho, um homem considerado namorado por muitos da região, queria de alguma forma se aproximar mais das mulheres. Por conta disso decidiu convidar seu irmão para juntos criarem uma dança que permitisse pelo menos tocar na mão, a partir daí nasceria o Balandê-Baião.

Quando ainda era vivo, Zé Coelho explicava durante suas conversas em entrevistas para reportagens e documentários, como de fato começou o Balandê. “Quando chegava o mês de maio, a gente rezava o mês todinho pra Maria. Todo dia na boca da noite a gente rezava e depois ficava todo mundo reunido no terreiro, aí eu inventei

a dança e tomei de conta. Fui inventando e aprendendo. Depois os outros começaram a dançar também e era uma brincadeira bonita”.

A dança foi se espalhando entre gerações e gerações. Pais, filhos, amigos, todos queriam aprender o gingado, o passinho curto e rápido dos cavalheiros, a batida dos pés descalços que dão forma, melodia e ritmo ao balandê.

As mulheres também desejavam aprender como fazia o balançado do vestido, a precisão, a sincronia e velocidade do saracoteado. Tudo isso misturado aos sons dos gafanhotos, instrumento artesanal usado somente pelos homens feito com madeira da região.

Só que por um tempo, a manifestação



Mestre Zé Coelho

ficou guardada no interior da cidade, sob a luz da lua e a proteção dos santos. As comunidades Laranjo, Trindade e Varjota eram as que mantinham a cria do baião protegida. Até que um homem apaixonado pela cultura da sua terra natal, através das suas lentes e olhar aguçado apresentou o Balandê ao mundo. O médico Antônio Noronha de Pessoa Filho, retratou a história do mestre Zé Coelho

no filme *Balandê/Baião do Projeto Revelando os Brasis* em 2004. O curta-metragem da história do mestre e a dança secular do sertão piauiense foram levadas a diversos estados do país e até mesmo para o exterior.

A partir daí o Balândê renasce como um pássaro fênix.

O professor e pesquisador da manifestação, Jozimar de

Sousa Venção, carinhosamente conhecido por Jorginho, foi integrante do grupo em 2005 e hoje é o responsável por coordenar o projeto e implantá-lo em algumas escolas da rede pública.

“Quando fui aprender o Balandê/Baião eu tive a imensa intenção de levar – porque alguma coisa me dizia que se não levasse essa cultura para dentro das escolas, ela estaria fadada a desaparecer, porque tem um advento da tecnologia. – E aí levei para dentro das escolas. Já chegou a ponto de eu ter um número imenso de alunos, o número é tão grande que às vezes tenho que fazer 2 grupos. Desses grupos alguns vão pela questão da atividade escolar, outros vão porque se interessa pela atividade cultural.”, explicou o professor.

Depois de conhecerem a formosura do Balandê, a dança se tornou popular entre crianças, jovens e adolescen-

tes.

“Teve um ponto interessante que é... eu ensino a história, praticamente tudo dos movimentos, sobre as pessoas. Falo das pessoas que se envolveram no Balandê/Baião do passado, as famílias tradicionais que são praticamente os detentores dessa história, e das pessoas atuais que eles conhecem. Falo da importância dessa cultura, dela está viva e a maneira

como ela tem que viver, porque ela só vai viver se for através de novas gerações e com isso eu conquisto alguns meninos.” acrescentou Jorginho.

Além disso, o espaço que a manifestação ganhou na mídia incentivou e fez brilhar os olhos de inúmeros jovens que quiseram se aventurar na cultura do balandê. “Outra coisa que aconteceu nos últimos anos vários documentários televisivos, documentários para fotografias em livros, livros, revistas e artigos, e isso fica em fotografia, tem mídia e que depois eles se veem na televisão ou se veem nesse mídia de um modo geral e termina então os incentivando esses jovens. Alguns deles entendem que isso é bom, é um ponto positivo, então é dessa forma que termina sendo conquistado esses jovens para o Balandê/Baião.” Completou Jorginho.

Assim professor de educação física conseguiu convencer um grupo de alunos, que se apaixonaram e resgataram

a cultura da cidade.

Toda a formosura da dança se misturava aos cantos do balancê. Homens, mulheres, crianças tinham todas as letras de cor. Letras que contavam a história de situações cotidianas da vida do nordestino.

“Ô lezeiro...
Vamos vadiar!
Dentro do lezeiro,
Vamos vadiar!
Cavaleiro tire a dama,
Vamos vadiar!
Dama tire o cavaleiro.
Vamos vadiar!”

As letras das cantigas não são difíceis, os passos da dança também não. “Os principais passos são as batidas dos pés, o trancelim, homens e mulheres trocam os braços de forma circular. Depois vem o saracoteado realizado só pelas mulheres feita somente com um pé, e o saracoteado feito pelos homens. Mais velho e feita com os dois pés.”

A dança é tão fácil, que logo os filhos do profissional de educação física aprende-



Foto: Reprodução



ram. Hoje toda a família do professor compõe o grupo. Esposa, filhos e filha. Todos têm no sangue traços de uma cultura que atravessa gerações.

“Dançar Balandê para mim é uma das Maravilhas que meu pai me ensinou. Danço a 17 anos. Comecei desde os 5 anos. Um dia um integrante do grupo faltou no encontro de folguedos e como todos os ensaios eu ia, e eu adorava dançar, adoro dançar. Fui nesse dia e apresentei minha primeira apresentação. O sentimento de dan-

çar balandê, para mim é uma coisa mágica, porque estou seguindo os passos que meu pai me ensinou.”, emocionada, revelou Sarah Pauliny Venção, filha de Jozimar.

A filha mais velha, já é mãe e pretende ensinar ao filho, Raví Lorenzo as raízes do balandê.

“Como agora tem o Ravi, que será a nova geração do Balandê, com fé em Deus. Eu irei sim, com certeza, ensinar a ele tudo aquilo que meu pai me ensinou. Inclusive ele já

consegue dá as primeiras batidinhas de pé. É isso... todos os ensinamentos que meu pai me ensinou vai ser repassado para ele, para que a cultura seja sempre mantida. Porque a cultura é isso, você passar de geração para geração aquilo que você aprendeu para isso não se acabar.”

De batida em batida, de balanço em balanço, de década em década, geração e geração, o balandê vai se espalhando e apresentando essa cultura genuinamente nascida e criada no sertão. ▲

DANÇA



Foto: Reprodução

Foto: Reprodução




Sarah, seu esposo Bartolomeu e o Filho Ravi

Glaysen Costa
e
Nayara Melo

A RUA FALA, MAS ESTÁ EM APRENDIZAGEM COM A LÍNGUA DAS MULHERES





A rua também é delas: nova geração de artistas se dedicam a colorir e contar novas histórias nas cidades por meio do muralismo e grafite

Teresina carrega há um tempo o título de cidade verde sobre a abundância de sua flora, mas nos últimos anos, o verde deu lugar ao cinza de seus prédios e assim os muros viram telas em branco para contar novas histórias.

A capital já contava sua história com a arte mural ou muralismo, que é uma forma de arte pictórica, executada em paredes, pintada como afrescos, ou ainda aplicada em relevo, ladrilhos ou mosaicos, montados permanentemente em um determinado espaço assim fala o livro “Murais Urbanos: do muralismo ao grafite”, desenvolvido pelo curso de arquitetura da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e fruto de um projeto de extensão.

O projeto virou livro homônimo e foi lançado em 2021 com o objetivo de estudar os murais como patrimônio na cidade.

Deste modo, ao nos depararmos com os murais de

artistas como Nonato Oliveira, Afrânio Castelo Branco, Carlos Martins, Liz Medeiros, Genes Celeste, Hudson Melo, Gabriel Archanjo, entre outros, presentes em espaços vitais da cidade de Teresina, realizados nas mais diversas localizações, temos oportunidades de apreciação não só estética, no sentido dos elementos que compõe a obra, mas também da paisagem que compõe a obra e seu entorno. - livro “Murais Urbanos: do muralismo ao grafite”.

Chama atenção que dos 24 murais catalogados pelo projeto apenas um tem autoria feminina, o auditório do Centro de Tecnologia da UFPI que foi criado pela artista Elizabeth da Silva Medeiros falecida aos 45 anos vítima de um acidente vascular cerebral em 2003, mais conhecida como Liz Medeiros que fez o caminho tradicional de sair de Teresina e cursar Belas Artes no Rio de Janeiro, no ano de 1985. Nesse mesmo ano foi escolhida como artista revelação, enquanto aluna

de professores renomados como Aluíso Carvão, Thereza Miranda e Dionísio Del Santo, no Museu de Arte Moderna – MAM.

A Teresina marcada pelos murais de artistas, em sua maioria homens, especialmente Nonato Oliveira, considerado o pai do muralismo piauiense, hoje com 72 anos, autor de obras de vanguarda e monumentos históricos como o Cabeça de Cuia e o recém restaurado mural do Centro de Convenções destacando regionalidade, tradição e cultura, mudou.

Do alto de andaimes ou com pés fincados no asfalto, o cheiro de tinta fresca e explosão de cores invade as ruas das cidades com narrativas de denúncias, brincadeiras de crianças e escadarias coloridas. A rua é uma tela em branco com histórias contadas em geral pelos homens, mas aos poucos as mulheres vão rompendo barreiras e mostrando que a rua é também delas.

A história das mulheres

CAPA

nos murais e grafite têm mais a ver com nomes do que com números. Apesar dessa tela em branco há o colorido

rar como sócia de um escritório. Uma história retilínea, quadrada e até então previsível como resultado de uma

dovicense Cacau Ribeiro. “Eu até abri um escritório, mas não deu certo, a gente tava sempre indo pro lado da arte,



Foto: Livro Murais Urbanos: do muralismo ao grafite

de boas histórias que estão sendo construídas no cenário piauiense. Como uma arquiteta, recém formada de São Luís, com uma família de longa tradição na medicina e advocacia que foi se aventu-

maquete, mas que teimava em fazer objetos personalizados, pintava murais sem compromisso e até perceber que o seu verdadeiro negócio era fora da curva era a arte. É o que nos diz a artista lu-

sabe? Abri o escritório, mas desenhava junto, fazendo uma paredinha aqui, outra ali, um objeto personalizado. Vamo fechar esse escritório e ver como é que dá? E foi aí que ficamos só com a Cactus

Ink. Nasceu em 2014 junto com nosso relacionamento.”

E assim Cacau Ribeiro e Andrei Nunes, arquitetaram um caminho diferente de artistas que migram para outras metrópoles. Iniciaram com trabalhos fora das ruas, os chamados projetos indoor, em ambientes fechados e de-

pois surgiram convites para fazer seus primeiros murais.

“A escadaria de Amarante foi um dos convites que vieram por conta desses trabalhos indoor. Foi a primeira escadaria que a gente fez, foi um super desafio porque era um negócio gigantesco, mas veio da

Secretaria de Cultura, um ex professor do Andrei conheceu o Cactus Ink através dele, por dar aula e ele falou: Gente eu to com um desafio aqui e quero ver se vocês topam. A gente: o que é que a gente não topa, né? E foi assim que a gente começou.”

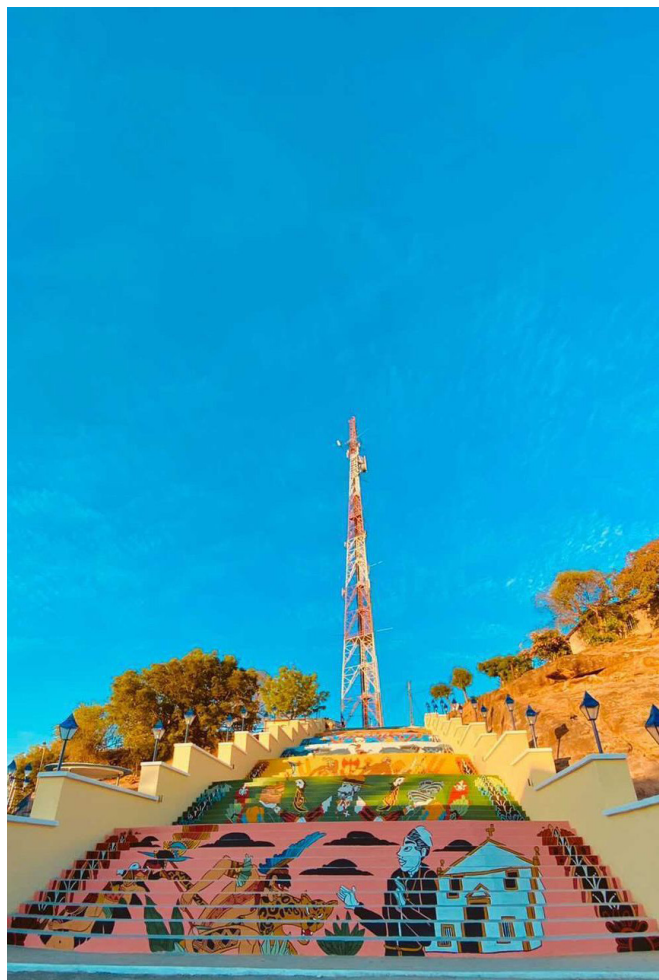
O casal sempre faz trabalhos juntos com obras nas cidades de São Luís, Barra Grande, Parnaguá, Corrente, São Raimundo Nonato e Amarante. Levam na mala, suas tintas acrílicas, seus pincéis, paletes, mas algo também pega carona nessas viagens, o desconforto de Cacau Ribeiro de ser interceptada pela prepotência masculina em seus trabalhos nas ruas que também não tem fronteiras.

“A gente sempre pinta junto porque o Cactus Ink é composto por nós dois, mas ainda assim rola alguns desconfortos às vezes, uma pessoa, sempre homens né!? Vai passando aí toma um gosto, puxa uma conversa aleatória, mas eu

Foto: Arquivo Pessoal



Cacau Ribeiro.



À esquerda, escadaria de Noite Amarante, à direita escadaria de dia Amarante.

me sinto segura porque ele tá sempre lá comigo. Então qualquer movimento mais suspeito ele já chega e dá um chega pra lá.”

O que é diferente da interceptação de mulheres que se interessam mais pela obra, técnica e do processo como aponta.

“É legal também porque quando passa mulher elas ficam interessadas, elas vêm puxar conversa, perguntar como é, se dá muito trabalho, se vale a pena e fica interessada também na arte e eu acho divertida essa parte. Lá em Amarante, por exemplo, sempre rolava porque a galera – apesar de estar fechada para a pintura –

a galera sempre subia ou descia a escada e vinha puxar conversa e é engraçado porque as pessoas falam mais comigo do que com o Andrei, sei lá. Ela é mulher vai tá mais aberta pra conversar, não sei. Eu amava muito, muito, muito. Como é que vai ficar aqui? Quem foi que chamou vocês? Vocês fazem muito disso? É divertido.”

As artistas Aline Guimarães, mais conhecida como Línea e Mikaelly Raielly, mais conhecida como Mika tomaram um percurso diverso. Partilhar materiais como látex, perceber que ele rende mais quando misturado a pigmentos, unir as tintas acrílicas, experimentar o uso do spray, trocar dicas de técnicas, conhecer outras mulheres no grafite, além de nomes conhecidos como Luna Bastos, Lurebordosa e redescobrir a cidade de Teresina com sua periferia é um pouco do que a Papoca Crew proporcionou a essas artistas. Permitiu que elas rompessem barreiras por meio dos muros e mostrar que rua também é das mulheres por direito.



Foto: Arquivo Pessoal Cacau Ribeiro

Escadaria da Nova Ceasa 2

“Quem mais me apoiou foi meu namorado que também grafita e também o coletivo de mulheres no grafite que eu fazia parte, a Papoca Crew” cita Línea.

“Quando eu entrei na Crew que comecei a conhecer outras mulheres, não só mulheres daqui, mas de outros lugares”, diz Mika.

Sabe-se que onde existe muro, existe a vontade de transformá-lo em mural. E com mais mulheres se incentivando mutuamente, suas obras viram espelhos para mais artistas verem-se refletidas e passem a sentir-se mais à vontade na rua. Línea sonha com um futuro preto. Ela é uma mulher negra que faz parte de uma comunidade de

terreiro e que como tantos outros está se reconhecendo e deseja viver a sua cultura. E isso pode ser sentido no seu primeiro grande mural na região da Praça do Fripisa, da Feira de Livros Usados do Piauí e da Biblioteca Pública Estadual Desembargador Cromwell de Carvalho caminho percorrido por ela e por tantos estudantes da cidade



tentando, mas a gente tá se inscrevendo sim nos editais, não sei assim por falta de conhecimento, as pessoas não conhecem o nome, não sabem se vai dar certo, um pouco de insegurança de quem está promovendo, mas existe isso.” Afirma, Cacau Ribeiro

As mulheres no muralismo e grafite em geral participam de eventos por convite. A presença feminina em um espaço majoritariamente masculino, vem se fortalecen-

e assim ela retratou crianças pretas se divertindo com a leitura durante a 1ª Edição do Festival Retalho que aconteceu de outubro de 2021 até janeiro de 2022 em Teresina.

A rua fala, mas ainda não fala a linguagem potente das mulheres da forma como poderia falar com a falta de incentivo. A participação em editais de cultura para seleção de mais artistas mulheres ainda é tímido, apesar da inscrição permanente.

“Eu acho que tem uma figurinha carimbada ali. Ah um nome conhecido que a gente sabe que vai dar

certo, vamos chamar esses daqui que a gente já conhece. As mulheres tão



Foto: Poliana Pimentel



CAPA

do, porém de maneira gradual. Mas onde a seleção não chega, outros caminhos são traçados. A iniciativa que falta nos editais e sobra nos coletivos de mulheres como O Voragem com recente exposição no Museu do Piauí e recente proposta de um mural coletivo na sede da Coordenadoria Estadual de Políticas para as Mulheres, abrindo espaço para novas artistas como Ana Cláudia, mais conhecida como KK-U, discente da graduação de Artes na UFPI que fez seus primeiros murais.

O papel das mulheres na arte de rua não só na cidade de Teresina, mas no estado do Piauí como um todo ainda é muito restrito e sem grandes incentivos. A rua fala, mas ainda não fala a linguagem potente das mulheres da forma como poderia falar! Para que isso aconteça ainda temos que ampliar os espaços para essa modalidade de arte, aumentar as oportunidades para as mulheres e até mesmo dar mais visibilidade e valorização para as mu-

lheres dentro do âmbito das artes. Diz, Ana Cláudia, KK-u.

Romper barreiras é uma das maiores potências da arte e espera-se que a rua que de-



Foto: Poliana Pimentel

mocratiza tantos acessos tenha mais a cara de suas artistas mulheres, pois elas vieram pra colorir e se espelhar. ▲

Foto: Arquivo Pessoal





Foto: Luna Santana



GINGA DE ANGOLA

A capoeira como identidade cultural

Thiago Santos
e
Luna Santana



Roda daqui, vira de lá, esquiva; técnicas nascidas em um dos reinos da resistência negra, expressam

a potência da luta que sobreviveu a escravidão, à coroa portuguesa, à segregação e ao racismo que fere pedaços cada vez maiores da sociedade. Esses traços ancestrais, ainda pulsam nas veias abertas do Brasil.

O berimbau, com seu tinido que emana o suspense do início da luta, entoa os movimentos da capoeira. O ritmo mais antigo produzido por ele, “a cavalaria” costumava avisar aos capoeiristas da aproximação de feitores. Era assim que a luta, num gingar de pernas e braços, partilhava os sólidos movimentos com a dança e se transformava em um espetáculo de persistência pela própria liberdade.

A história e o tempo se encarregaram de manter viva uma memória que hoje é parte integrante da cultura brasileira. Mestre Boca do Rio entende muito bem o que isso quer dizer. O angoleiro é majestade respeitada no reino da capoeira de Angola. Essa arte foi repassada por seus ancestrais, e hoje, o ritmo do Mestre flui como água do rio,

banhando as novas gerações com os saberes ascendentes.

“Sendo preto e de favela, ter contato com uma arte como a capoeira, devolve o respeito e respaldo que todo cidadão preto merece, vivendo numa sociedade injusta. A capoeira situa e te coloca no seu lugar. Você é tão importante quanto o outro, independente de sua melanina. A partir disso, a capoeira te faz dar importância a sua ancestralidade, você começa a dar respeito a sua árvore genealógica”, revela.

A capoeira de Angola expressa elementos que ajudam a contar a história de um povo, por consequência, incorpora componentes históricos que se estendem para fora das rodas e se fortalecem como elementos de luta política e social, hoje reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como um patrimônio histórico e artístico do Brasil, e pela UNESCO como

patrimônio da Humanidade.

Além da beleza, do sincronismo dos movimentos que desafiam o espaço e o corpo de quem participa, da música e da melodia que encanta, a ca-

as fogueiras e abrindo espaço para que seus descendentes possam desfrutar plenamente da liberdade de ser e estar.

“A capoeira te devolve a estima desacreditada.

sua própria identidade”, afirma.

A roda de capoeira imita a roda da vida, onde valores como responsabilidade e atenção se cruzam, formando um dos laços mais firmes entre os homens; o compromisso, onde sempre há uma escolha e uma via de mão dupla.

GRANDE RODA: A GINGA QUE FLUI COMO VIDA

Estando a passeio, aquela dança distante, ritmada e acompanhada de uma voz, parece inofensiva, suave e alegre. O grupo de pessoas, chama a atenção pela aparência cuidadosa e pelo olhar atento. Vamos nos aproximando, a visita é bem recebida, o Contra Mestre Boquilha, foi treinar a convite do professor Celso.

Aqui nos perguntamos o que tem demais a visita de um capoeirista a outra academia, e revelo: se você pensa que sabe o básico da capoeira, você ainda não viu nada.

poeira carrega também a subversão de quem lutou pra que a cultura afrobrasileira se mantivesse viva ocupando cada vez mais espaços na sociedade, deixando de se esconder entre

Com ela você começa a perceber o que ficou atrás, para construir o futuro. Através dela você consegue reconhecer seus valores culturais e ir criando



CAPOEIRA

Contra mestre Boquinha, é cria da capoeira regional. Professor Celso, da Angola. Não, não é a mesma coisa e aprendemos muito sobre isso durante o passeio. Quando saímos da academia do Contra Mestre, em direção a academia do grupo Zimba, fomos instruídos a respeitar o espaço novo que iríamos conhecer e a perguntar as maneiras de se comportar durante a roda de Angola. Logo, Boquinha avisa:

“não caiam no sorriso fácil e nunca deixem os pés juntos na hora do jogo. Ah, todo início de jogo é feito no pé do berimbau e pode durar mais de 10 minutos”.

Os meninos começaram a se preocupar. Na regional, o jogo é acelerado, um minuto dentro de uma roda de São Bento Grande, dura horas na pele do capoeira.

Volto a 2019, quando tive a honra de conhecer mestre Cobra Mansa, infelizmente não foi em roda de capoeira, mas foi em uma roda de conversa. Nesse dia as conversar

com um tom de antropologia, trouxeram luz à várias questões de nossa sociedade. Formado pelo Mestre Moraes, Cobra Mansa, trouxe consigo as experiências que a capoeira proporcionou a ele, aplicadas no seu dia a dia. A conversa vagou por todos os espaços do cotidiano, desde instituições educacionais até um simples pagamento de boleto. Foi assim que ele explicou como gingava sem precisar levantar da cadeira.

Ele nos colocou em situações que só a ginga poderia nos proteger.

“Para tudo na vida se precisa estar atento, pois muitas vezes o outro nos dá a oportunidade que precisamos e aqui temos o famoso “jogo de cintura”, que, na linguagem da capoeira, é conhecido por ginga”.

Chegamos à roda, o professor fez questão que o contramestre Boquinha o acom-



Foto: Luna Santana



panhasse na bateria, e aí ele iniciou o toque. A música faz sua ladainha, os demais respondem o coro.

É através do canto, da música “corrida”, que os dois jogadores podem iniciar a diversão. Tudo pode acontecer ali, mas o bom jogador precisa saber cair, se inspirar em Exu, fazendo do seu erro, um acerto.

Mestre Pastinha, o maior nome da Capoeira Angola, ex-

plica sabiamente:

“A capoeira nasce com o homem e se modifica dependendo do seu estado de espírito. Quando se está alegre, você é mais fluído, técnico, obediente. Mas quando se está com raiva, ela vira luta”.

Felizmente, os alunos do contramestre Boquinha, foram escolhidos por serem de paz, e não precisou que os ânimos se alterassem, tudo

aconteceu no seu tempo e com muita descontração.

O contramestre fez a compra com o professor. Embora as graduações não sejam semelhantes, não muda o fato de serem dois, competentes em suas especificidades, trocando conhecimento e axé. Isso mesmo: um pergunta e outro responde. Frios, precisos, com sorriso no rosto vez ou outra. O motivo do sorriso? Vai saber, melhor não arriscar. Os alunos ficaram cada

CAPOEIRA

vez mais inertes com o som e a habilidade dos mais experientes, o jogo durou quase 15 minutos, quando acabou, se cumprimentaram e saíram para recuperar o folego. Capoeira é corpo e mente, por que ela não é força. Ela precisa ser pensada, ela não pode ser feita de qualquer jeito. Como dizia mestre Pastinha, capoeira é tudo que a boca come, tudo que você quer que ela seja.

Tive o prazer de revisitar a academia do grupo Zimba novamente, dessa vez, à trabalho. A presença ilustre do mestre Boca do Rio, trouxe para mais perto a capoeira que eu nunca vi, só ouvia falar.

O treino começou, todos começaram a seguir as movimentações que o mestre sugeria, e logo o corpo de todos os presentes, balançava junto revelando que a capoeira de angola tem muitas possibilidades: ela tem a luta, arte, música, expressividade, dança, história, e elementos políticos.

Professor Celso, revive em



Foto: Luma Santana

seus movimentos as raízes da sua identidade cultural. Sua ginga revela estruturas profundas, marcadas pela pertencimento e memória ancestral, valores que ele faz questão de repassar.

“Ser angoleiro é aquela pessoa que tem um ponto de vista em relação ao mundo, à vida. Na roda de capoeira é onde tudo se materializa, você vai ter um oponente, mas é um oponente amigo”.

Assim como na roda de capoeira, na roda da vida o ritmo é inesperado. Para os corpos dançantes, não há surpresa: a ginga corre como água de rio; leve e fluida. É guia para quem a escuta. É perigosa para quem a desafia. É transformadora para quem à segue e identidade para quem a vive. ▲



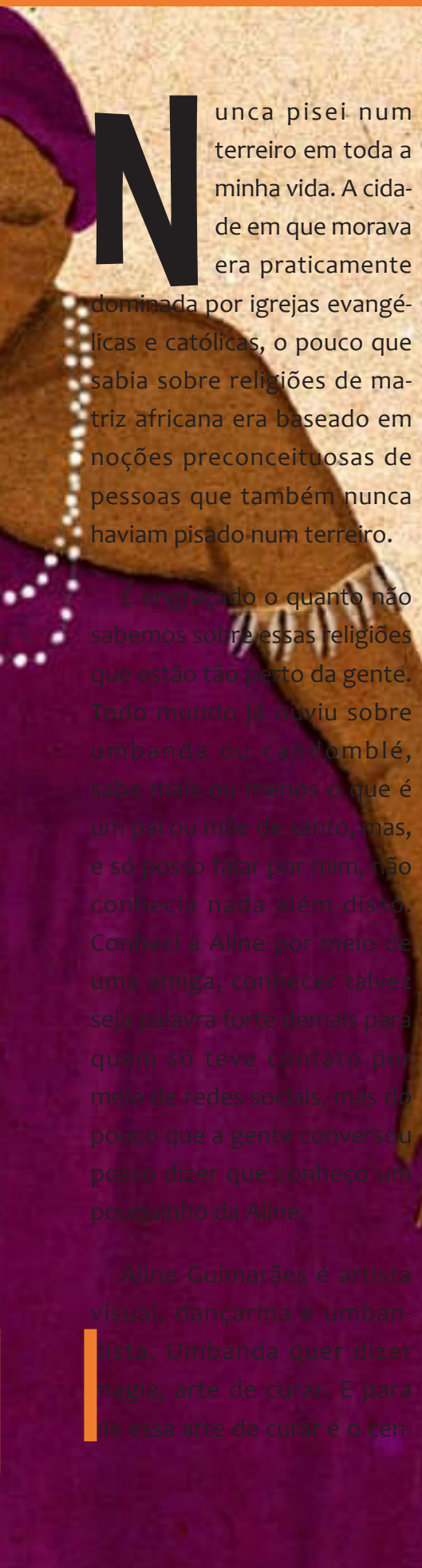


Foto: Luna Santana

Foto: Reprodução/Instagram

FILHAS DA UMBANDA

Ana Kálita Vale
e
Karine Rocha



Nunca pisei num terreiro em toda a minha vida. A cidade em que morava era praticamente dominada por igrejas evangélicas e católicas, o pouco que sabia sobre religiões de matriz africana era baseado em noções preconceituosas de pessoas que também nunca haviam pisado num terreiro.

É engraçado o quanto não sabemos sobre essas religiões que estão tão perto da gente. Todo mundo já ouviu sobre umbanda ou candomblé, sabe mais ou menos o que é um pai ou mãe de santo, mas, e só posso falar por mim, não conhecia nada além disso. Conheci a Aline por meio de uma amiga, conhecer talvez seja palavra forte demais para quem só teve contato por meio de redes sociais, mas do pouco que a gente conversou posso dizer que conheço um pouquinho da Aline.

Aline Guimarães é artista visual, dançarina e umbanilista. Umbanda quer dizer magia, arte de curar. E para ela essa arte de curar é o cen-

tro de sua fé. Num momento tumultuoso em sua vida e de sua família Aline resolveu buscar ajuda espiritual. Foi assim que ela conheceu a umbanda de verdade, foi movida por necessidade de cura e ajuda emocional que ela se encontrou naquele local sendo consolada e finalmente achando o socorro que tanto precisava.

Quando questionada sobre o significado que a umbanda tem em sua vida a resposta é rápida e acompanhada de um sorriso: “umbanda é amor”, diz. Foi no terreiro e logo no primeiro encontro que Aline se deixou consolar no colo de um guia. A conversa e o cuidado, aquela união pelo se entregar e ser consolada estão vivas em sua memória. Mesmo a voz estando mediada por um aparelho eletrônico e o som ligeiramente mecanizado, as lembranças vêm com intensidade, e é possível perceber pela voz, que o sentimento preenche o corpo até chegar aos olhos em forma de lágrima.

Falar de fé não é como fa-

lar de religião. Religiões tem dogmas, regras, doutrinas que mesmo fincadas em crenças espirituais são representações mais práticas de uma religião. A fé ultrapassa as barreiras racionais da humanidade, não se trata do que se pode ver, mas do que se sente. Talvez para quem não acredita em nenhum tipo de intervenção divina a fé seja mirabolante, mas quando Aline fala sobre a paz que sente ao lado de seus guias é difícil não acreditar.

“Eu resolvi seguir e ser adepta da umbanda principalmente por conta do bem-estar que eu sinto. Toda vez que tem uma gira eu me emociono muito. Eu sinto o cuidado que um guia tem com cada um de seus filhos. Então não tem como não se sentir bem”.

A primeira vez que Aline esteve em um terreiro foi em 2015. O pertencimento foi imediato. Houve ali um elo com os ancestrais que ecoa no convívio com sua família, com o seu povo até hoje.

Enquanto recebia o banho e a benção, a alma era de fato lavada, e se tornava leve, se distanciando lentamente das preocupações.

Em todo relacionamento existe a troca, mesmo que sob diferentes medidas. O ato de dar e receber que faz com que ambos os envolvidos não fiquem sobrecarregados, ou sugados demais por entregar tanto. Pelo menos nas relações humanas. No campo metafísico, porém, acredita-se que uma figura possui capacidades sobre-humanas. Com isso teria percepção do que

é invisível e indecifrável para nós a princípio. Digo a princípio porque a fé é justamente a ponte de acesso do material ao transcendente. Durante esse processo de comunhão a troca, comum aos relacionamentos, se manifesta. No terreiro, quando as Entidades são incorporadas, a artista se entrega aos seus ancestrais.

“É muito marcante para mim quando eu peço conselho para alguma Entidade. Me sinto mais forte com meu guia de frente cuidando de mim. Isso tem me ajudado a ter calma.

Tenho aprendido a ter paciência. O contato com a espiritualidade também ajuda você a se conhecer melhor”.

Autodeclarar-se umbandista não foi um problema na família. Aline imaginou que seria difícil a família lidar com a escolha, já que alguns são integrantes de religiões cristãs. No entanto todos optaram pelo respeito. E assim ela se sente acolhida.

“Assim que eu entrei, achei que seria mais problemático. Mas da parte deles não tem nenhuma discrimina-



Foto: Reprodução



ção. Eles conversam normal comigo sobre isso. Eu acho que tudo é respeito. Respeito à escolha de cada um”, disse.

Dentre todas as religiões praticadas no Brasil, talvez não seja errado dizer que as de influência africana são as mais agredidas. Seja por discursos preconceituosos ou violência marcada na pele de quem pratica. Quem de nós não ouviu ao menos uma vez durante a vida frases agressivas ou distorcidas sobre a

umbanda, o candomblé? Aline costuma pensar que são pessoas desinformadas e precipitadas. Por não conhecer as práticas, se deixam levar pelo medo e o resultado é a agressão. Em menor ou maior intensidade.

“Eu costumo pensar que são pessoas que não conhecem ou que tem medo. Então parte desse medo leva para o preconceito. Quem me conhece sabe que eu falo abertamente que eu sou umbandista,

que eu defendo o amor pelos meus Guias e que eu tenho fé nos Orixás. Eu queria que as pessoas pudessem ao menos ser abertas a conhecer, para depois falar.”

Apesar dos ataques, a voz de Aline é firme para dizer: “Umbanda é amor”.

Foi numa fala de Mika que uma reflexão surgiu. Quando questionada sobre o que poderia ser feito para que as pessoas entendessem um

Foto: Reprodução / Instagram



pouco melhor sobre a umbanda ela me diz: “Quando a gente tem aula de religião muito se é falado de muitas religiões, mas a partir de uma pessoa que apenas estuda.” Temos hoje um estado laico, mais em teoria do que prática, mas ainda assim se preserva uma noção de que somos plurais e não influenciados por crenças religiosas. Difícil dizer que nunca presenciei a fé de um professor ou qualquer outro docente de uma escola. Orações, rezas, frases como “A paz do senhor” sendo ditas sem medo, sem reprimenda. E é aí que a reflexão vem, se é tão normal para uma pessoa que é

parte de uma religião cristã se expressar tão facilmente, por que é tão incomum vermos isso com outras religiões? As repostas não são fáceis de escutar, mas são de certa forma simples e óbvias para quem presta atenção. Mika não gosta muito de falar sobre essa parte dolorosa de ser parte de uma religião que, mesmo sendo criada no Brasil, ainda sofre com equívocos ignorantes.

“O terreiro que eu faço parte hoje foi um dos primeiros que eu fui, apesar de na infância eu também ter vagas lembranças de quando meu pai frequentava a religião e ajudava a Mãe de Santo a fazer os trabalhos. E aí como eu acompanhava muito ele né, todo lugar que ele ia ele me levava, eu tenho algumas lembranças de pessoas.”



Foi assim que Mika teve seu primeiro contato com sua religião, como uma criança acompanhando o pai e vendo o trabalho que era feito em comunidade, vendo uma das melhores amigas de sua avó paterna que era Mãe de Santo da umbanda. E esse senso de comunidade foi o que levou Mika a também se conectar com a religião. São as relações formadas, a família que se reúne para comemorar, para ajudar e para estar presente junto daquele laço formado pela fé.

“Tudo gira muito entorno da comunidade, né? Da família de santo. Tudo é muito vivido em comunidade, desde um trabalho que você faz a comemorações e tá tudo muito ligado a uma base familiar. Todo mundo se ajuda. A casa onde eu faço parte é muito baseada em ajudar quem precisa, em quem não pode pagar por essa ajuda. É uma das coisas com que eu me identifico muito.”

Mika também é artista visual e talvez o espírito sensível que carrega seja responsável pela leveza que demonstra quando fala sobre as emoções que sente dentro de sua fé. O carinho com que descreve sua religião é familiar, de uma forma ou de outra escutamos exclamações apaixonadas sobre uma crença ou outra. Ela diz como é difícil escolher um momento mais marcante em sua trajetória com a umbanda, ela soa como alguém que se emocio-

na toda vez que entra na casa ou vai ao terreiro, nada é ordinário quando se trata do que acontece ali.

“Todas as coisas que acontecem dentro do terreiro carregam uma emoção. Sentir a energia dos meus guias é uma coisa que me emociona muito”, diz ela e mesmo no curto espaço de tempo em que Mika e eu nos falamos e a com a distância entre nós, posso dizer que ela vai longe, seus pensamentos não estão em responder uma pergunta simples, mas naqueles momentos em que Mika se vê grata por todas as escolhas que a levaram ao lugar onde se encontra hoje.

Poderíamos falar aqui sobre os ataques que os terreiros sofrem, sobre o preconceito que permeia todas as nossas relações e nos cega para a beleza da diversidade da fé, mas Karine e eu não achamos que conseguiríamos fazer isso. Aline e Mika fazem parte de uma grande comunidade que é baseada na fraternidade e caridade e demonstram isso para além

de seus terreiros. A fé que carregam dentro de si é ainda maior que qualquer ataque.

Nunca fomos em um terreiro, mas conhecemos Aline

as move, a realidade em que vivem. Conhecer a umbanda pelos seus olhos talvez seja um começo. ▲



Foto: Reprodução Internet

TIMON JUNINO: O RETORNO

lamerchia Rocha

Alegria, forró e muita comida, o mês de junho é sinônimo de paixão, principalmente para os nordestinos, que recebe o período carregado de sentimentos e significados. É o mês da festa que une bairros, cidades e uma região inteira, despertando em comum conjunto a mesma emoção.

Todo mundo se reúne para apreciar o balançado dos vestidos coloridos, a poeira subindo no tablado, a banda tocando no palco, a melodia dançante, as vozes ecoando em coro cantando VIVA SÃO JOÃO, VIVA JOÃO!

Essas são algumas das emoções sentidas por quem vive as festividades juninas, e estas são também as emoções que o povo timonense e região irão ver e sentir com o retorno do Timon Junino, um dos maiores festivais culturais da cidade que não acontece desde 2016.

Em 6 anos, as memórias do evento não foram esqueci-

das. Concursos de quadrilhas, desfiles de rei e rainha, os melhores bois de Timon e São Luís, apresentações locais que fomentavam a cultura da cidade e que marcou gerações na última década na região dos cocais.

“No último ano de Timon Junino, eu tinha 16 anos. Lembro de ficar hipnotizado com o concurso de quadrilhas. Era lindo. Minha vontade era de está lá no meio. Mas eu nunca tive rumo para a coisa.” Aos risos, lembra o estudante, Ricardo Almeida, morador da cidade há 23 anos, e que frequentou com os pais todas as edições do evento.

Além das memórias guardadas de Ricardo sobre as apresentações, o estudante também recorda como se divertia com as festividades.

“Eu amava as barracas de tiro. Eu era muito ruim, derubava mal um petisco. Mas era muito divertido. As comidas típicas, os shows... Nossa, que saudade! Que bom que vai voltar.”

O que volta também com as festividades é a geração de renda. As barraquinhas com creme de galinha, mingau de milho, bolo, arrumadinho de Maria Isabel e paçoca, maçã do amor, e até a barraca do beijo. A geração do dinheiro extra de muitos trabalhadores que todos os anos aguardam ansiosamente pelo período mais gostoso.

“Comecei a vender na pandemia. Não via a hora de acabar para colocar um ponto nesses eventos. Nunca participei do Timon Junino, mas ouvi falar que dá umas 80 mil pessoas. Esse monte de gente frequentavam o evento. Eu vou fazer de tudo para não perder a oportunidade, tentar vender lá... é uma chance de juntar um dinheiro extra, né? Para pagar meu colégio e a faculdade.”. Animada, afirmou a estudante de 17 anos, Maria Clara Abreu.

Francisco Dário, tem uma montadora de palcos, e trabalhou em uma das quatro

SÃO JOÃO

edições do Timon Junino.

“Trabalhar é diferente de ir para se divertir, né?! Mas ainda assim consegui fazer os dois. Montei a estrutura que solicitaram, resolvia tudo o que precisava. E quando sobrava um tempo ia tomar a geladinha que gosto.”, explicou o empreendedor aos risos.

“O evento em si é muito bom. Para andar com a família, amigos... Estou ansioso com essa volta, tomara que venham bandas boas e que eu consiga fazer um bico lá, né?”, completou Dário.

Esses são os sentimentos de quem está louco para ver novamente o brilho do festival, as bandeirolas que balançam com os ventos, as fogueiras queimando e a poeira subindo. Gente dançando, comendo, se divertindo. Para a terra vizinha de Teresina, isso fez falta durante longos 4 anos, acrescidos de mais dois devido uma inimaginável pandemia.

O som da viola, do triângulo e da sanfona, a fogueira queimando e os fogos também. As crianças pulando fogueira e brincando de pescaria, os ‘cumpades’ e ‘cumades’ apreciando os shows de forró. Os quadrilheiros na mesma sintonia e vibração, na expectativa de ser campeão. Esta é a magia que toda uma cidade espera do inesquecível e estacionando Timon Junino. ▲



Foto: Reprodução Internet



Foto: Reprodução Internet

O SABOR DA CULTURA PIAUIENSE

Millena Brito
e
Rodrigo Alves



“O poeta desfolha a bandeira

E a manhã tropical se inicia

Resplendente, cadente, fagueira

Num calor girassol com alegria

Na geleia geral brasileira

Que o Jornal do Brasil anuncia”

(Torquato Neto)

A ideia de construir uma matéria detalhada- com impressões emotivas, de personalidade, impressões pessoais- sobre a Geleia Total nos agradou muito desde que, em uma de nossas rápidas conversas antes da aula de jornalismo especializado, pensamos em tal temática. A oportunidade de escrever sobre algo que admiramos e que já tivemos oportunidade de falar antes – mas nos moldes de jornalismo tradicional– despertou em nós um misto de animação e o peso da responsabilidade, porque, como o Noé nos disse:

"A Geleia se tornou algo muito maior do que podíamos imaginar."

Na euforia de poder dar visibilidade a essa história, que por sua existência já visibilizou centenas de artistas, entramos em contato

com o Noé, mas realmente na euforia, nem percebemos que era o feriado daquele que foi enforcado por defender a independência do Brasil, ou seja, dia de Tiradentes, que esse ano foi em uma quinta-feira, ficando assim como feriado prolongado. E como é de se esperar, ele não estava de prontidão ao celular, então não foi dessa vez que conseguimos transmitir a ele a nossa animação por fazer uma matéria sobre o que ele idealizara. Contudo, 30 minutos depois, as vibrações do celular anunciavam uma ligação, mas dessa vez seria eu a não estar de olho no celular. Por fim, depois desse desencontro conseguimos transmitir a nossa empolgação ao Noé que prontamente aceitou nos encontrar e falar sobre sua ideia que ganhou vida e a transmitiu a muitos no nosso estado.

Geleia é uma mistura que pode ter várias composições e diversos sabores, mas a Geleia Total é mais do que isso, ela reúne a cultura regional piauiense e faz reverberar as batidas, a voz, a arte e a história de artistas locais, através da divulgação, fazendo a curadoria das produções artísticas e levando o Piauí até os piauienses, fazendo a Geleia Geral de Torquato Neto se tornar a Geleia Total piauiense.

Noé Filho, o fundador do coletivo, é um jovem piauiense que cresceu em cidades do interior do estado. Acho que como marca desse desenvolvimento longe da “loucura da cidade grande”, ele é calmo, até um pouco tímido, mas explode em sorrisos e excitação ao falar da geleia que ele começou a cozinhar.



“Eu sempre reclamei muito das pessoas que reclamavam, que diziam que no Piauí não tem nada, que menosprezavam o que temos de bom e supervalorizavam o que é de fora. Então pensei, que muito melhor do que eu ficar reclamando desses comentários, era eu mostrar pra eles o que existe aqui.”

Apesar de não ter crescido em um meio artístico, sendo seu padrinho, o professor de Literatura Luís Romero, o elo mais próximo desse universo em sua vida, sempre nutriu uma paixão pela cultura regional piauiense.

Na adolescência Noé volta a sua cidade natal, Teresina, onde terminados os estudos secundários, decidiu cursar administração. O

que poderia marcar uma reviravolta, tirando o foco do seu sonho de engrandecer e mostrar o Piauí para os piauienses foi exatamente o que deu o pontapé para lançar seu projeto. Sua vontade de empreender casou com seu amor pela cultura e daí nasceu a Geleia Total.

Mas por que “total” e não “geral” como na canção de Torquato Neto?

“Surgimos como Geleia Geral, mas já existiam, e existem tantas coisas com esse nome, que fiquei receoso de ficarmos perdidos entre tantas outras Geleias Gerais.”

Em meio a um gole de café e à brisa e respingos do sereno que caía as nossas costas, concordamos que para diferenciar e tornar

CULTURA PIAUIENSE

único, mudar o nome pra Geleia Total, mantendo também o sentido original empregado pelo Anjo Torto, foi uma ótima jogada.

O coletivo que mistura tudo o que é produção cultural piauiense, ganhou vida nas plataformas digitais.

O primeiro post no Instagram da Geleia, o nosso marco fundante, foi uma foto do pôr do sol na cidade de Amarante-PI, com uma frase do poeta amarantino da Costa e Silva 'A minha terra é um céu se há um céu sobre a terra'.

Deste então, a Geleia da cultura genuinamente piauiense, que a mistura de tantas culturas, só incorporou mais sabores, e se tornou cada vez mais agradável ao paladar dos conterrâneos e até dos forasteiros que desejam experimentar do sabor do Piauí. ▲



Foto: Arquivo pessoal de Noé Filho



COMUNICAÇÃO SOCIAL - UFPI

REVISTA
Oxente!
MAIO DE 2022 | EDIÇÃO 06



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ